Leia nesta edição

PÁGINA 02 | **Editorial**

A. Tema de capa

» Entrevistas
PÁGINA 06 | Gerson Valle: Literatura lobatiana expressa o "falar gostoso do povo brasileiro"
PÁGINA 10 | Carlos Mário Alvarez: As pulsões infantis e a invenção de uma nova cultura
PÁGINA 13 | Dirce Waltrick do Amarante: Lobato: um escritor eugenista?
PÁGINA 16 | Eliana Yunes: Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela Igreja
PÁGINA 18 | Emerson Tin: Cartas revelam diferentes "Lobatos"
PÁGINA 21 | Antonio A. Serra: Evocação de Lobato
PÁGINA 24 | Giovana Cordeiro Campos: Lobato como tradutor
PÁGINA 26 | Lia Cupertino Duarte Albino: Um novo sistema educativo a partir da literatura
PÁGINA 29 | Maria Clara Bingemer: Lobato, formador de uma infância pensante e culta
PÁGINA 31 | Thaty Castelo Branco e André Moura: O olhar de Lobato sobre o Brasil

B. Destaques da semana

» Teologia Pública
PÁGINA 35 | Ulrich Körtner: "O ser humano não necessita de melhora, mas de perdão"
» Entrevista da Semana
PÁGINA 39 | Rodolfo Gaeta: Identificar as Ciências Sociais com a hermenêutica: uma mutilação lamentável
» Filme da Semana
PÁGINA 43 | *Lemon tree*, de Eran Riklis
» Invenção
PÁGINA 45 | Sérgio Alcides
» Destaques On-Line
PÁGINA 49 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos
PÁGINA 52| Neide Fontana e Clarissa Lima: Crise, consumo e endividamento
» Perfil Popular
PÁGINA 54| Jane Lúcia Alves do Couto
» IHU Repórter
PÁGINA 55| Jeane Blume Cortezia

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**

A.

Tema de Capa

Quem foi Monteiro Lobato

José Bento Renato Monteiro Lobato (Taubaté, 18 de abril de 1882 — São Paulo, 4 de julho de 1948) foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. Foi o "precursor" da literatura infantil brasileira e ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo, bem como divertido, de sua obra de livros infantis, o que seria aproximadamente metade da sua produção literária. A outra metade consiste em inúmeros e deliciosos contos (geralmente sobre temas brasileiros), artigos, críticas, prefácios, um livro sobre a importância do petróleo e do ferro e um único romance, *O presidente negro*, que não alcançou a mesma popularidade de suas obras para crianças.

Literatura lobatiana expressa o "falar gostoso do povo brasileiro"

Para o escritor Gerson Valle, o brasileirismo de Lobato tornou-se significativo para muitas gerações por um motivo especial: ele tinha vontade de formar brasileiros independentes e honestos

Admirador do progresso americano, principalmente dos Estados Unidos, Lobato "desejava o desenvolvimento aqui e não a submissão como muitos outros admiradores da nação do norte", considera Gerson Valle, escritor e poeta, e membro da Academia Brasileira de Poesia.

Ao constatar a ambigüidade nas obras do escritor brasileiro, Valle afirma que a relação entre realidade e fantasia é o ponto atrativo nos livros de Lobato. "Em tudo que escreve, evidencia-se o Lobato com os pés na terra, sua terra Brasil, com olho no mundo, e uma incansável imaginação que o faz mudar palavras, usar de contos de fadas, unindo ingredientes aparentemente contraditórios", explica.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ao comentar a obra *O presidente negro*, Valle ressalta o lado humanista do escritor brasileiro e afirma que sua personalidade "se põe de forma inteira no que escreve com a honestidade de observação e sentimento, e ao mesmo tempo, é bastante dialético". Nessa dialética, aponta, aparecem contradições que são visíveis quando o autor "exalta a livre iniciativa no parâmetro da economia norte-americana, visa o desenvolvimento nacional, preocupado com nossas diferenças sociais. Tanto isto é verdade, que, com toda sua admiração pelos Estados Unidos, no final de vida escreve verdadeiros panfletos para os comícios do Partido Comunista. Sua preocupação é com o bem-estar do povo brasileiro", esclarece.

De sua vasta produção literária, citamos *Aparições* (São Paulo: Poiésis, 2001), *Vozes trazidas pelos ventos* (São Paulo: Poiésis, 2005), *Vozes novas para velhos ventos* (Brasília: Thesaurus, 2006) e *A novela de Ipanema* (Rio de Janeiro: Catedral das Letras, 2006).

IHU On-Line – O que motivou Monteiro Lobato a escrever um romance de ficção científica no distante ano de 2228, e nos Estados Unidos, contrariamente a tudo que até então escrevia passado na realidade brasileira?

Gerson Valle – Em 1926, Monteiro Lobato, recém-nomeado adido comercial do Brasil em Nova Iorque, escreve, em somente três semanas, seu único romance para adultos, *O choque das raças* ou *O presidente negro*. Com espírito pragmático, pretendia publicar nos Estados Unidos uma tradução deste romance, achando que haveria interesse na sociedade de lá, ao colocá-la numa ficção futurista. Se fosse bem vendido, o livro compensaria o que perdera em alguns negócios. Lobato, a par do escritor e intelectual de notável personalidade com muitas idéias próprias, iniciava sempre novos empreendimentos, visando não só ao lucro pessoal como também participar num desenvolvimento brasileiro dentro do espírito do liberalismo, cujo modelo maior é os Estados Unidos. Desejava o desenvolvimento aqui e não a submissão, como muitos outros admiradores da nação do norte.

IHU On-Line – Pode-se compreender, então, que Monteiro Lobato possuía, a par de seu subjetivismo estético como escritor, um espírito pragmático, visando mesmo objetivos imediatos para seus escritos?

Gerson Valle – Tendo herdado uma fazenda no interior de São Paulo quando era promotor público, foi obrigado a vendê-la por falhar nos negócios que nela pensou desenvolver. Chegou a fundar mais de uma editora, e, mais do que isto, na década de 1930, uma companhia de minério e petróleo. Suas iniciativas normalmente malogravam, apesar de seu entusiasmo e lógica. Também seu livro sobre os Estados Unidos — que pensava que lhe daria "dólares à beça"[1] — foi lá recusado. Atrás do sucesso do livro, pensava criar a editora "Tupy Publishing

1 *Cartas escolhidas*, Editora Brasiliense Ltda., São Paulo, 1959, vol. I. (Nota do entrevistado)

Company", que transformaria editor e editados em milionários, em seus sonhos. Escreveu carta ao amigo Godofredo Rangel relatando a razão de nada disso ter dado certo: "Meu romance não encontra editor. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam negros. Os originais estão com o Isaac Goldberg para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company".[2]

IHU On-Line – Choca a leitura desse fragmento. Há alguma forma de compreendê-lo melhor, à luz da posição do homem e do escritor Monteiro Lobato?

Gerson Valle – É preciso refletir sobre certa característica lobatiana. Há, antes de mais nada, uma constante ambigüidade em seus textos, cuja sinceridade procura a realidade que lhe chega e sentimentos naturais com a mesma abordagem que faz de suas fantasias. É esta ambigüidade realista-fantasista que tanto atrai em seus livros infantis. Em tudo que escreve, evidencia-se o Lobato com os pés na terra, sua terra Brasil, com olho no mundo, e uma incansável imaginação que o faz mudar palavras, usar de contos de fadas, unindo ingredientes aparentemente contraditórios. E uma irresistível tendência ao que então chamavam de "blague", como esta de dizer que seria melhor compreendido pelos norte-americanos quando linchavam negros. Tal tipo de "gozação" (moderna forma de falar "blague") era típica de sua inteligência dialética.

IHU On-Line – Então, há uma relação entre um posicionamento aparentemente tão chocante e a honestidade de propósitos intelectuais de uma formação de época?

Gerson Valle – Seus contos de nosso pré-modernismo do início do século XX (tal como um Lima Barreto,[3] Euclides da Cunha[4] ou Augusto dos Anjos[5]) o enquadram como um analista de uma realidade (chegando a configurar um tipo do interior paulista, o "fraco" Jeca Tatu, como Euclides tachou o nordestino como um "forte"). Nesse realismo, há "cientificismos" positivistas da época, inclusive a de ensaios sobre raças. Impressionou-se ainda jovem com "L'homme et les sociétés", de Gustave Le Bon[6] e o Conde de Gobineau,[7] ambos tratando da desigualdade das raças, e da degenerescência causada pela miscigenação. Isto vai aparecer em *O presidente negro*, em que Miss Jane, filha do cientista Benson, inventor do "porviroscópio", máquina que mostra o futuro, na linha da Literatura que ele tanto admirava de H. G. Wells[8] (de "A Máquina do Tempo"), mas com um nome típico de suas criações para crianças (Lobato é sempre Lobato), afirma que o mal do Brasil está na miscigenação; nos Estados Unidos, a segregação foi sábia, pois brancos e pretos não se devem misturar, cada um tendo suas características próprias (e coloca a força dos pretos na intuição e a dos brancos na inteligência...). Isto leva ao crescimento dos pretos rivalizando com os brancos. Até o ponto em que um negro torna-se presidente dos Estados Unidos. Este o "argumento" central.

> **"Lobato, a par do escritor e intelectual de notável personalidade com muitas idéias próprias, iniciava sempre novos empreendimentos, visando não só ao lucro pessoal como também participar num desenvolvimento brasileiro dentro do espírito do liberalismo, cujo modelo maior é os Estados Unidos"**

IHU On-Line – Não chega a ser curioso que um racionalista desconfiado das religiões mascararem a realidade para o povo, foi de uma intuição profética: no ano de 2228 (e estamos em 2008, com o mesmo 2 inicial e 8 final), um negro disputaria as eleições norte-americanas com uma mulher (e aí ele prevê, além da rivalidade entre raças, a rivalidade entre os sexos)?

Gerson Valle – Sim, a curiosidade é maior quando se lê no mesmo livro outras previsões como a possibilidade de no futuro as pessoas trabalharem mais em casa, como ocorre com a internet, e ainda não se pode deixar de lembrar que ele foi quem, contra todas as posições oficiais, insistia na existência do petróleo no Brasil.

IHU On-Line – Intuições? Deduções lógicas?

Gerson Valle – Há um pouco dos dois abrindo possibilidades, como, por exemplo, ante a existência da alma ou o espiritismo então em voga, pactuando com Godofredo Rangel que o primeiro a morrer viria dizer ao outro se existia algo mais que a matéria.

2 *A barca de Gleyre*, Editora Brasiliense Ltda., São Paulo, 1950. (Nota do entrevistado)

3 **Afonso Henriques de Lima Barreto** (1881-1922): jornalista e um dos mais imprtantes escritores brasileiros. Era filho de João Henrique de Lima Barreto (mulato nascido escravo) e de Amália Augusta (filha de escrava agregada da família Pereira Carvalho). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha** (1866-1909): escritor, sociólogo, repórter jornalístico, historiador e engenheiro brasileiro.(Nota da **IHU On-Line**)

5 **Augusto dos Anjos** (1884-1914): poeta brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Gustave Le Bon** (1841-1931): psicólogo social, sociólogo e físico amador francês. Foi o autor de várias obras nas quais expôs teorias de características nacionais, superioridade racial, comportamento de manada e psicologia de massas. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Joseph Arthur de Gobineau** (1816-1882): diplomata, escritor e filósofo francês, foi um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Herbert George Wells**, conhecido como **H. G. Wells** (1866-1946): escritor britânico. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Onde se encontra, em sua Literatura infantil, a intenção objetiva de Lobato em transmitir sua visão de mundo, de molde a possibilitar reflexões sobre a realidade e até possíveis decorrências no futuro?

Gerson Valle – Antes de escrever para criança, no texto *Os livros fundamentais*[9], Monteiro Lobato chamava a atenção da importância da leitura na infância para a formação do futuro da nação: "O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem no governo. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices...". "Além disso, sai o menino da escola com esta noção curiosíssima, embora lógica: a leitura é um mal, o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existência". E o que ele julga que o cérebro infantil, que "sonha acordado", "fundamente imaginativo" pede? Ficção, contos de fada, história de anõezinhos maravilhosos, "mil e uma noites", quando apenas consegue, na leitura que lhe dão "fazer considerar a abstração "pátria" como um castigo da pior espécie". Produzindo sua Literatura infantil, Lobato vai dar à infância brasileira o que ele julgava essencial para a formação. Como bem escreveu Eliana Yunes: "Mesmo em seus livros paradidáticos — *Serões de D. Benta, Emília no país da gramática, Aritmética de Emília, História das invenções, História do mundo para crianças* — refutam o tom dogmático, sapiencial e institucional de quem ensina centrado em verdades inabaláveis. A tática será permitir a discordância, favorecer a expressão da divergência, numa palavra, instaurar a instância crítica".

IHU On-Line – Pode ser entendida como dialética a escrita simultaneamente realista e fantasista de Monteiro Lobato?

Gerson Valle – A personalidade de Lobato se põe de forma inteira no que escreve com a honestidade de observação e sentimento e, ao mesmo tempo, é bastante dialético. Nesta dialética, parece haver contradição, quando há afirmação das verdades perceptíveis, mesmo que contrárias. Quando exalta a livre iniciativa no parâmetro da economia norte-americana, visa o desenvolvimento nacional, preocupado com nossas diferenças sociais. Tanto isto é verdade, que, com toda sua admiração pelos Estados Unidos, no final de vida escreve verdadeiros panfletos para os comícios do Partido Comunista. Sua preocupação é com o bem-estar do povo brasileiro.

IHU On-Line – Dentro de uma tal "dialética", é possível que sua análise, partindo de sentimentos verdadeiros, possam, por vezes, contradizer o intelectual de percepção mais "científica", no sentido "positivista" de sua época?

Gerson Valle – Insisto em suas posições sinceras, mesmo quando o humanista que era pudesse se chocar com elas.

> "Monteiro Lobato foi 'modernista' a seu modo"

Desenhando e pintando desde cedo, o que julgava sua verdadeira vocação mais que a Literatura (e esta tem sempre o lado descritivo do pintor), habitua-se ao academismo que lhe chega a São Paulo do início do século. Estranha tudo na primeira exposição com linguagem modernista, de Anita Malfatti.[10] Publica a discutida crítica "Paranóia ou mistificação", na qual ataca todas as escolas novas, ignorantemente, como sendo "impressionismos", e estes seriam caricaturas e não arte verdadeira. Um crítico mais convencional abriria uma "leitura" para o que na Europa poderia se dizer, e não seguiria tão atabalhoadamente suas convicções.

IHU On-Line – Tal colocação espontânea pode lhe ter granjeado inimizades com aqueles que perseguiam inovações estéticas contra o *statu quo* da arte e pensamento estabelecidos?

Gerson Valle – De certa forma, os modernista brasileiros, que iriam se destacar a partir de 22, colocaram-no como seu oponente. Meia verdade também. Lobato segue o "falar gostoso do povo brasileiro" em sua literatura, tal como preconizou Bandeira[11] em seu poema, sem participar abertamente do convívio com os modernistas. Ele foi "modernista" a seu modo. E como inovou! Todas estas coisas integram suas aparentes contradições de "realista imaginoso". Não se deve mesmo esquecer que no campo filosófico ficou muito impressionado com Nietzsche,[12] que seria uma inteira inovação no pensamento de então, não se podendo, sob tal aspecto, chamá-lo de reacionário.

IHU On-Line – Mas, como, dentro de tudo isto, coexiste certa forma "politicamente incorreta", na expressão em voga, em seu posicionamento sobre as questões étnicas?

Gerson Valle – Tal como a visão acadêmica de artes plásticas, existia na

9 *A onda verde*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951. (Nota do entrevistado)

10 **Anita Malfatti** (1889-1964): pintora, desenhista e professora brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Manuel Bandeira** (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema "Os sapos" o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa a produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada "Nietzsche e Paulo". A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da **IHU On-Line**)

importada cultura européia de um brasileiro de seu tempo, a visão estética também das raças. Basta lembrar, na tradição européia, do encontro de Papageno (um homem-pássaro) com o negro Monostatos na ópera *A flauta mágica*, de Mozart.[13] Cada um sai assustado correndo para lados opostos, como vendo monstruosidades! O próprio Goethe[14] compara um negro a um macaco. Os traços finos com cabelos lisos comporiam a idéia de beleza tradicional do europeu. E Monteiro Lobato, um cultor da Grécia antiga e das artes acadêmicas, tinha isto em alta conta. Tudo no negro parecia grosseiro, sendo, quando de seu nascimento, os escravos que só mereciam se ocupar do trabalho pesado. Estávamos longe do "black is beautiful" e da cultura ocidental incorporar valores não eurocentristas. Daí ele escrever no "presidente negro" ser necessária uma "eugenia" (palavra terrível que iria ser usada pelos nazistas) de um clareamento das raças!

IHU On-Line – Como se concilia o recebimento de influências de um popularismo até mesmo grosseiro de então, como era a discriminação do negro e do mestiço, com o intelectualismo do muito lido Lobato?

Gerson Valle – O humanista Lobato prefere seguir sua espontaneidade, como uma eterna criança, não se fechando num intelectualismo livresco. Emília é um seu alter-ego. Outro é D. Benta. Entre ponderado e irreverente, o real e a fantasia. A idéia de o negro ser mais instintivo do que racional parece esquecida quando elogia André Rebouças,[15] considerando-o "o homem mais meticuloso do Império".[16] Estava, no caso, entusiasmado com a recente publicação de seu diário. Mas sua maior contradição é considerar a miscigenação como produtora de decadência, quando, na comovida homenagem que escreve para uma publicação argentina sobre o centenário de Machado de Assis,[17] lembra que este nascera como "um pardinho", recebendo a "marca divina", ascendendo à perfeição (chama-o "Perfeito"), "a mais bela orquídea de pensamento jamais desabrochada neste setor (a Literatura) das Américas"; "Somos todos uns bobinhos diante de você, Machado..."

IHU On-Line – A literatura brasileira continuou, a seu ver, sendo escrita por "bobinhos", como ele se autoclassificou ante a grandeza de Machado?

Gerson Valle – Monteiro Lobato teve uma grande responsabilidade no fato de as gerações formadas por sua literatura infantil perderem muito de nossa natural e subdesenvolvida "bobice". Pessoalmente, posso testemunhar que minha infância aprendeu com ele a encarar o aprendizado e a leitura como prazeres. Com a irreverência de nunca aceitar coisa alguma sem antes ouvir seu próprio sentimento. Erra-se muito assim, é evidente. Como nos parece o caso das colocações racistas de *O presidente negro*, e observo aí que, ao contrário do que ele previa, Obama não é o negro a competir com o branco, mas mestiço, que as "teorias" de então chamariam degenerado. E a candidata mulher não quis afirmar-se contra os homens, num feminismo extremado. Como, aliás, Obama também não competiu como negro, mas sim como uma das facções políticas norte-americanas, os democratas. Erros, por vezes, que podem desqualificá-lo como profeta. Mas, por outro lado, se Emília "goza" os "beiços" e as superstições da Tia Nastácia, esta é uma contadora de histórias ao sabor e saber de nossa gente. E Dona Benta respeita suas opiniões. Isto num sítio simbólico de um país onde se vivencia a liberdade que deveria existir por toda parte. As autoridades familiares não são os pais preocupados com a continuidade, mas uma meiga e sábia velhinha, que constitui exatamente com a Tia Nastácia as duas adultas da casa (duas mulheres), fora a sapiência de um sabugo de milho...

IHU On-Line – Entre a espontaneidade e a racionalidade das exposições que perpassam a narrativa de Lobato, como acha que pode ser visto seu significado literário e social após 60 anos de sua morte?

Gerson Valle – Monteiro Lobato foi quem me ensinou, desde a infância, a conviver entre o real e o imaginário, e a ter prazer com a leitura, incitando-me sempre a escrever expondo meus sentimentos, idéias tolas ou preciosas, sem medo! Seu brasileirismo, na vontade de formar o brasileiro independente e honesto, tornou-se muito significativo por gerações. Espero que seus leitores mirins sempre aumentem, não para eliminar negros, mas os agressores mentirosos deste país, que não tiveram na infância a sorte de tê-lo lido.

13 **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791): compositor e músico erudito, um dos expoentes máximos da música clássica e um dos mais populares das audiências contemporâneas. Sobre o compositor, confira a edição 174 da **IHU On-Line**, de 03-04-2006, a ele dedicada sob o título *Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e milagre da vida*. Dentro da programação Páscoa 2007 – Cultura, arte e esperança são oferecidas duas atividades ligadas a Mozart: a primeira, em 29-03-2007, Audição comentada de "A expressão musical da fé em Bach" e em "Mozart — audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K 427, de Mozart". (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sutrm und Drang. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **André Pinto Rebouças** (1838-1898) foi um engenheiro e abolicionista brasileiro. Advogado, deputado e conselheiro de D. Pedro II (1840-1889), seu pai era filho de uma escrava alforriada e de um alfaiate português. André Rebouças ganhou fama no Rio de Janeiro, então Capital do Império, ao solucionar o problema de abastecimento de água, trazendo-a de mananciais fora da cidade. Ao lado de Machado de Assis e Olavo Bilac, foi um dos representantes da classe média brasileira com patente ascendência africana e uma das vozes mais importantes em prol da abolição da escravatura. (Nota da **IHU On-Line**)

16 "Uruguaiana", in *A onda verde*, op. cit.

17 **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela **IHU On-Line** com Maílde Trípoli, em 20-04-2007, no site www.unisinos.br/ihu, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: interprétes do Brasil*, de 29-09-2008. (Nota da **IHU On-Line**)

As pulsões infantis e a invenção de uma nova cultura

Para o psicanalista Carlos Mário Alvarez, Monteiro Lobato extravasou o universo das crianças, propondo uma práxis onde as pulsões do infantil reinavam de forma a inventar uma nova cultura

Por Clarice Abdala e Gilda Carvalho

Emília, Narizinho, Visconde, Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, entre outras personagens, fazem parte do imaginário brasileiro há décadas, graças ao escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), um dos maiores nomes da literatura infantil de todos os tempos. O ano de 2008, que está sendo pródigo em evidenciar nomes importantes da cultura nacional, não poderia deixar de lembrar Monteiro Lobato, que levantou questões cruciais de sua época, como o modernismo, a descoberta do petróleo, a participação política através do voto secreto, a resistência à ditadura Vargas, e a criação de espaços para o infantil na literatura em que a criança tornou-se protagonista de uma fala de destaque no ambiente familiar. O programa *Sítio do Picapau Amarelo* durante anos foi encenado na televisão, popularizando as personagens que conquistaram o público, trocando idéias com as crianças e com isso educando-as de forma não convencional. Ele também atraiu o leitor adulto com seu romance *O presidente negro*.

Monteiro Lobato escreveu inúmeros artigos e contos para os jornais e revistas — entre eles, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil* — e impulsionou o mercado editorial nacional, lançando novos talentos e melhorando a qualidade e a quantidade de livros distribuídos em todo país. Por perceber muitas questões políticas, filosóficas e literárias bem adiante de seu próprio tempo e possuindo uma cultura vastíssima, é considerado hoje um pensador. Para falar sobre o legado da obra lobatiana, do espaço da criança na literatura e da influência de Nietzsche no trabalho do escritor paulista, Clarice Abdalla, professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e doutoranda em Literatura Brasileira na mesma Universidade, entrevistou o psicanalista Carlos Mário Alvarez, Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutorando em Letras, pela PUC-Rio.

IHU On-Line - Em 2008, a Literatura Brasileira celebrou os 400 anos de nascimento do padre Antônio Vieira (1608-1697), 100 anos de morte de Machado de Assis (1839-1908), 100 anos de nascimento de João Guimarães Rosa (1908-1967) e 60 anos de morte de Monteiro Lobato (1882-1948). Foram programados eventos importantes espalhados pelo Brasil afora para lembrar escritores de destaque da nossa cultura. No caso de Monteiro Lobato, quais principais questões que você ressaltaria na obra do escritor paulista e que ainda hoje permanecem?

Carlos Mário - Penso que Monteiro Lobato é uma figura única para nós brasileiros. Falo especificamente de sua obra infantil, que penso ser o que há de mais brilhante em sua escrita. Nunca, no nosso país, alguém estabeleceu um diálogo tão franco e próximo do universo da criança como ele. O que Lobato ousou fazer, de forma única, foi estabelecer um *ethos* para a questão do infantil. Isso implica dizer que, ao imaginar o Sítio e todos seus componentes, ao tornar isso tudo um universo possível e acessível a crianças e adultos, ele situou um ambiente possível de existência, convivência e entendimento entre pequenos e grandes. Lobato inventou um lugar e propôs uma *práxis* onde as pulsões do infantil reinavam de forma a inventar uma nova cultura. Ele foi o único até então. Seu feito não se reduz e nem pode ser tomado equivocadamente como se ele tivesse apenas escrito para crianças. Ele foi além disso: articulou o infantil — de forma brilhante! — na cena brasileira. Trata-se de um sujeito cuja dimensão infantil recusou-se a dar lugar a qualquer outra forma de ser.

Lobato não só vivia plenamente o infantil, como acreditava que nele residia toda potência de mudança da cultura. Ele dialogou com as crianças porque conseguiu, ele próprio, acessar as dimensões do infantil sem reservas ou inibições. Sua genialidade foi ter inventado uma literatura cujos poros de emanação de potência partiram das dimensões infantis.

Adultos e crianças, em Lobato, se entendiam através dos signos do infantil: ternura, curiosidade, respeito e alegria. Por isso, sua obra desperta a fascinação de todos aqueles que, assim como ele, se sensibilizam com a experiência de vida, que acreditam que viver é uma aventura, algo que pode ser fantasiado sem ser fantasioso, lúdico sem ser menor e leve sem ser banal. O Sítio deve ser visto como lugar, como *ethos*, como potência imanente capaz de fazer efeitos de transformação na cultura. Em Lobato, o Sítio não é ficção.

IHU On-Line - Percebe-se, na convivência entre as personagens do Sítio, que a fala da criança é muito ouvida pelos adultos de forma sincera e respeitosa. No entanto, na época em que a obra de Lobato foi lançada, a estrutura patriarcal era muito forte. A criança não era ouvida praticamente. Qual a importância do impacto da obra de Lobato nos valores da sociedade daquela época ?

Carlos Mário - Ouvir as crianças e estabelecer com elas um mundo possível, incluindo aí o adulto, foi seu maior mérito. Fazer com que esse encontro entre a criança e o adulto seja atemporal, que se dê na espontaneidade, foi uma aposta que trouxe dignidade às crianças e convidou os pais e educadores a se reposicionarem também de forma digna. É como se o sentido de sua obra dissesse: "Vamos reconhecer as crianças no que elas têm de melhor, na sua dimensão infantil, envolvidas por desafios, mistérios e paixões, sem, contudo, resvalar para a perversidade destrutiva do adulto. Encontremos no universo infantil motivos suficientes para deixarmos de sermos niilistas. Sejamos adultos, mas resguardemos nossas crianças e as crianças que residem em nós". Lobato era nietzschiano, sabemos disso. Contra os pactos perversos típicos das sociedades contemporâneas, Lobato oferecia um projeto do "Pacto pelo infantil". Muitos, na época, e ainda hoje, conseguiram acompanhar e se deixar afetar por essa idéia. Mas a grande maioria, acabou por perder o fio da meada ao longo dos tempos. Afinal, vivemos numa cultura que tem compulsão pelo que é banal, grotesco e violento.

"Fazer com que esse encontro entre a criança e o adulto seja atemporal, que se dê na espontaneidade, foi uma aposta que trouxe dignidade às crianças e convidou os pais e educadores a se reposicionarem também de forma digna"

IHU On-Line - A sociedade hoje ouve as crianças, considera as suas opiniões?

Carlos Mário - As crianças nunca tiveram tanta voz como hoje em dia. Mas o problema é que elas fazem ecoar uma espécie de discurso rebatido do adulto. As crianças estão sendo adultizadas rapidamente. O universo infantil, inaugurado por Lobato, está se descaracterizando. Os adultos — cada vez mais ocupados com seus trabalhos e suas mil e umas funções para juntar dinheiro, adquirir sucesso e gozar intensamente a vida — não têm tempo para os pequenos. A criança encontra seu lugar como consumidora ávida, como alguém capaz de trafegar no mundo adulto de forma sagaz. Eis aí o "pacto perverso". As crianças estão perdendo seu "Sítio" e estão ganhando contorno de adultos depressa demais. Elas também entraram no redemoinho da compulsão e se tornaram esvaziadas em relação a determinadas posturas. Prova disso é que, incitadas por uma violência que parece ser estruturante, desafiam seus pais, desqualificam seus professores e agem de maneira hiperativa.

IHU On-Line - O senhor escreveu um artigo em que faz uma ligação entre as idéias de Nietzsche, Freud e Lobato em torno da criança e do seu espaço na sociedade. Sabe-se que Lobato leu muito Nietzsche e não possivelmente Freud.[1] Mas, de qualquer modo, o que Lobato levou para sua obra desses autores?

Carlos Mário - Os três autores pensaram o infantil como lugar de potência. Deram dignidade às crianças e reconheceram nelas um lugar privilegiado. Nietzsche, em seu Zaratustra, ao pensar nas três metamorfoses, elevou a criança como sendo a última etapa da metamorfose (antes ele fala do camelo e do leão). Via aí o lugar de transvaloração de todos os valores. Para ele, o homem deveria chegar à condição do infantil se quisesse ultrapassar seus limites moralistas (camelo) e sua condição niilista (leão). Freud mostrou que os adultos nada mais são do que crianças que se neurotizaram. Seria preciso que se reconectassem com o infantil para que se curassem. Segundo ele, as crianças abrigariam, desde sempre, uma diversidade de pulsões e paixões que o trabalho de educação trataria de reprimir

1 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006, o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para *download* no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

e formatar. Lobato parecia estar afinado com esses autores, pensou um lugar possível para o infantil de maneira que o processo civilizatório delas fosse capaz de mudar a cultura e não de se submeter de forma a perder sua potência: ele inventou o Sítio, esse sim, um interessante "estatuto da criança".

IHU On-Line - Pelas cartas que lemos de Monteiro Lobato ao seu amigo Godofredo Rangel, muitas delas reunidas no livro *A barca de Gleyre*, o escritor revela que Emília é poderosa demais, que às vezes parece "escrever-lhe por contar própria", tamanha a força do discurso da personagem. Emília já foi considerada *alter ego* de Lobato. Do ponto de vista psicanalítico, o discurso de Emília representa a superação da fala reprimida da criança daquela época?

Carlos Mário - Diria que Emília apresenta a potência do infantil. Ela não está no lugar de algo (ou seja, ela não representa), mas funda algo: Emília transita entre o lúdico e o sério, entre a alegria e a dor, entre o mágico e o concreto, entre a criança e o adulto, enfim, entre o humano e o inumano. Emília é o infantil. Precisaríamos de mais Emílias e menos Power Rangers e toda essa histeria de mau gosto que invade, sem pedir licença, o imaginário das crianças. Precisaríamos também de mais Donas Bentas, elementos que se interessavam em se debruçar diante das crianças e conduzi-las, de forma generosa, a lugares dignos. Creio que os pais de hoje em dia se acomodaram (e se acovardaram), deixando que a função de diálogo e trocas com as crianças passassem a ser feitos pela TV e os videogames. Perdemos a generosidade lobatiana encarnada pela Dona Benta e o Tio Barnabé e caímos no caldeirão do "cada um por si e todos contra todos".

> "Lobato foi um tipo único, uma espécie de grão de ouro em um saco de pedras"

IHU On-Line - Monteiro Lobato também gostava de pintar e fez ilustrações inclusive de personagens inspiradas de sua obra literária. Que poder tem a imagem na obra lobatiana?

Carlos Mário - Impossível ler Lobato sem ser convidado a figurar. O poder de sua obra infantil está no impacto que suas imagens nos causam.

IHU On-Line - A obra de Lobato considerada como "adulta" traz reflexões importantes e pontuais, como por exemplo, o racismo, a sociedade americana (fordismo) e o comunismo de Prestes. De que forma o escritor colaborou para ajudar a pensar o país diante de tantas questões polêmicas como o analfabetismo e a falta de investimento na edição de livros, além dos assuntos que acabei de citar?

Carlos Mário - Todas essas questões são importantes para se pensar a cultura. Lobato não se furtou a elas. Ao contrário, buscava entendê-las e usava de provocações e sagacidade para articulá-las em seus textos e idéias. Lobato era um pensador nômade, não via problemas em se desdizer ou mudar de opinião. Por isso, seu texto fluía, por isso, suas idéias se movimentavam e causavam movimento. Isso foi o que lhe permitiu criar com fibra e consistência. A consistência de alguém que amava a escrita, as idéias e os homens. Um tipo generoso que não se curvou diante da estupidez dos poderosos e da cegueira do senso comum. Lobato foi um tipo único, uma espécie de grão de ouro em um saco de pedras.

Leia mais...

A **IHU On-Line** já dedicou outros temas de capa à Literatura. Confira as edições na página do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Edições:

- *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. Edição nº 73, de 01-09-2003;
- *Érico Veríssimo. Vida, obra e atualidade*. Edição nº 154, de 05-09-2005;
- *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*. Edição nº 178, de 02-05-2006;
- *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. Edição nº 193, de 28-08-2006;
- *Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano*. Edição nº 195, de 11-09-2006.
- *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. Edição nº 221, de 28-05-2007;
- *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade*. Edição nº 222, de 04-06-2007;
- *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. Edição nº 228, de 16-07-2007;
- *Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo*. Edição nº 232, de 20-08-2007;
- *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. Edição nº 244, de 19-11-2007;
- *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*. Edição nº 251, de 17-03-2008;
- *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*. Edição nº 262, de 16-06-2008;
- *Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*. Edição nº 268, de 11-08-2008;
- *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*. Edição nº 275, de 29-09-2008;
- *Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico*. Edição 282, de 17-11-2008.

Lobato: um escritor eugenista?

Para Dirce Waltrick do Amarante, a obra de Lobato expõe o sentimento de racismo ainda existente no Brasil

Por Patricia Fachin

"A obra de Monteiro Lobato revela muito sobre o racismo no Brasil, a começar pelo modo paradoxal ou contraditório como o tema é tratado nos seus livros", afirma Dirce Waltrick do Amarante, professora de Literatura Infanto-Juvenil, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para ela, as contradições apresentadas pelo autor no que se refere à questão racial são evidentes. "Se por um lado Lobato escreve uma obra como *O presidente negro*, seu 'grito de guerra pró-eugenia', como ele mesmo afirmava, onde o autor fala friamente do extermínio dos negros, por outro lado, no conto 'Negrinha', o escritor traz à tona o relato cruel da vida de uma menininha negra, filha de ex-escravos que vagava pela casa da patroa branca de sua mãe, mais como um animal de estimação do que como um ser humano. Diferente de seu grito pró-eugenia, 'Negrinha' é um relato comovente, que chama a atenção para o destino infeliz que os negros tiveram após a abolição da escravatura, já que, apesar de livres, o olhar de superioridade sobre eles não havia mudado", explica.

Produzida num período em que o movimento eugenista brasileiro se destacava, a obra lobatiana *O presidente negro* "propaga com entusiasmo alguns preceitos do movimento eugênico brasileiro, ou seja, a supervisão da imigração, a esterilização das supostas 'raças inferiores' e o controle de casamentos para que não houvesse miscigenação racial", considera.

Dirce é graduada em Direito, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e mestre e doutora em Teoria Literária, pela mesma universidade. Atualmente, realiza o segundo ano de pesquisa de pós-doutorado júnior, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ela também é membro do Núcleo de Estudos de Literatura, oralidade e outras linguagens, da UFSC. Além disso, colabora no site www.culturainfancia.com.br e no jornal de Literatura Infanto-Juvenil *O Balainho*. Textos e traduções da pesquisadora podem ser encontrados no site www.centopeia.net. Confira a seguir a entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**.

IHU On-Line – O que a obra de Lobato revela sobre o racismo no Brasil? A composição familiar e social estabelecida *no Sítio do Picapau Amarelo* apresenta a estrutura da época ou o sentimento do autor em relação a esse contexto?

Dirce Waltrick do Amarante - A obra de Monteiro Lobato revela muito sobre o racismo no Brasil, a começar pelo modo paradoxal ou contraditório como o tema é tratado nos seus livros.

Se por um lado Lobato escreve uma obra como *O presidente negro*, seu "grito de guerra pró-eugenia", como ele mesmo afirmava, onde o autor fala friamente do extermínio dos negros,por outro lado, no conto "Negrinha", o escritor traz à tona o relato cruel da vida de uma menininha negra, filha de ex-escravos que vagava pela casa da patroa branca de sua mãe, mais como um animal de estimação do que como um ser humano. Diferente de seu grito pró-eugenia, "Negrinha" é um relato comovente, que chama a atenção para o destino infeliz que os negros tiveram após a abolição da escravatura, já que, apesar de livres, o olhar de superioridade sobre eles não havia mudado.

De certa forma, nosso olhar sobre a raça negra e nossa idéia de racismo é ainda hoje bastante paradoxal, entre simplista e ingênuo. Fazemos nossa *mea culpa*, por exemplo, quando reservamos um certo número de vagas para os negros nas universidades, mas só fazemos isso porque não oferecemos oportunidades ideais de trabalho e estudo para os seus antepassados. Será que os negros terão emprego garantido tão logo estejam formados? Ou será que nossa "benevolência" termina justamente aí?

Quanto à composição familiar e social do *Sítio*, lá vive uma família ao mesmo tempo típica e atípica para o Brasil daquela época. Típica, porque mantém tia Nastácia, a negra velha, a "negra de estimação", como lemos em *Reinações de Narizinho*, a maior parte do tempo na cozinha, entre um quitute e outro. Atípica, porque lá encontramos Dona Benta, uma mulher independente, culta e aberta a novas experiências, que administra sua propriedade sozinha. Totalmente diferente das mulheres de *O presidente negro*, que, saudosas dos velhos "machos", arrependeram-se de sua tentativa de independência.

IHU On-Line – Como a senhora interpreta as questões raciais na obra de Lobato? Os diálogos entre Emília e tia Nastácia, por exemplo, revelam um paradoxo sobre o racismo no Brasil e as posições do autor sobre o tema, uma vez que Nastácia pode ser vista como uma negra ignorante ou como uma sábia de histórias populares?

Dirce Waltrick do Amarante - A obra de Monteiro Lobato é bastante paradoxal no que diz respeito à questão racial, assim como o Brasil o é. Basta lembrar da abolição da escravatura: negros e brancos abolicionistas comemorando juntos à abertura das senzalas. Depois da festa, no entanto, à senzala teve que correr novamente o negro, porque não se fez mais nada por ele.

Quanto à tia Nastácia e Emília, a relação delas é bastante complexa, podemos pensar que se trata de relação entre mãe (afinal, foi tia Nastácia quem coseu a bonequinha) e filha. Portanto, no *Sítio*, tia Nastácia não é uma figura menor, já que dela nasce a boneca Emília. No entanto, Nastácia só lhe dá corpo. Ela não lhe dá a alma, nem a independência de pensamento, nem a fala.

A boneca, "filha" da negra Nastácia, tão logo ganha o discurso "douto" (de um tal doutor, o Dr. Caramujo), renega a sua origem humilde e popular.

IHU On-Line – Muitos especialistas destacam aspectos positivos da obra lobatiana, como a produção infantil. No que se refere ao aspecto racial, a senhora acredita que o autor tentou, nas entrelinhas, incentivar a diferença de raças e estimular também o preconceito entre as crianças?

Dirce Waltrick do Amarante – Não acho que Lobato quisesse incentivar a diferença racial no seu *Sítio*, até porque ele é contraditório e em alguns momentos propõe situações "normais", não racistas. Além disso, a tia Nastácia e também o tio Barnabé são personagens simpáticos e importantes na trama. Eles detêm a sabedoria popular, à qual recorrem, vez por outra, os personagens brancos da narrativa lobatiana.

> **"De certa forma, nosso olhar sobre a raça negra e nossa idéia de racismo é ainda hoje bastante paradoxal, entre simplista e ingênuo. Fazemos nossa *mea culpa*, por exemplo, quando reservamos um certo número de vagas para os negros nas universidades, mas só fazemos isso porque não oferecemos oportunidades ideais de trabalho e estudo para os seus antepassados"**

IHU On-Line – O que a obra *O presidente negro* revela sobre a personalidade e o modelo de América sonhado por Lobato?

Dirce Waltrick do Amarante – O romance revela um Lobato absolutamente eugenista, que não faz nenhuma concessão. O livro propaga com entusiasmo alguns preceitos do movimento eugênico brasileiro, ou seja, a supervisão da imigração, a esterilização das supostas "raças inferiores" e o controle de casamentos para que não houvesse miscigenação racial. Lemos no livro: "é impossível protelar por mais tempo com paliativos ilusórios a solução do binômio racial. Ou extirpamos os negros já, ou dentro de meio século seremos forçados a aceitar a solução negra, asfixiados que estamos pela maré montante do pigmento". No entanto, ao final do romance, a heroína norte-americana, branca e de olhos azuis, se rende aos encantos do brasileiríssimo e provavelmente miscigenado protagonista da trama, originado uma raça que podemos supor mista, como que à revelia do autor. Essa, imagino, era a miscigenação racial sonhada por Lobato, admirador fervoroso dos Estados Unidos da América.

IHU On-Line – Que releituras ainda são possíveis na obra *Sítio do Picapau Amarelo*?

Dirce Waltrick do Amarante - Muitas. Uma dela é livrar o *Sítio* do adjetivo infanto-juvenil. É literatura, boa literatura para qualquer leitor. Guardadas as devidas diferenças de gênero e estilo, podemos comparar o *Sítio do Picapau Amarelo* às *Alices*, de Lewis Carroll,[1] livros que se esticam e encolhem segundo a idade do seu leitor.

Uma outra leitura possível seria a de se refletir sobre uma idéia quase que consagrada acerca do "raciocínio evolutivo" ingênuo de Lobato, o qual teria substituído, na sua obra, a figura do índio pela do caboclo, pois é possível pensar que, na obra de Lobato, Visconde de Sabugosa representa a

1**Lewis Carroll** (1832-1898): pseudônimo adotado pelo matemático e escritor Charles Lutwidge Dodson, que nasceu em Cheshire, Inglaterra. Sua fama vem mais de seus dois livros infantis, *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Através do espelho* (*Alice do outro lado do espelho*, no título mais conhecido em Portugal) (1872), ambos escritos sob inspiração de Alice Liddell, filha do deão da Christ Church, de apenas 10 anos de idade, por quem ele nutria uma paixão platônica. (Nota da **IHU On-Line**)

figura do índio, pois, segundo a mitologia ameríndia mesoamericana, os primeiros homens vieram do milho.

IHU On-Line – Quais as diferenças entre os contemporâneos Mário de Andrade e Monteiro Lobato, no que se refere ao modo de observar o Brasil e apresentá-lo em suas obras? O que os personagens negrinho de *Será o Benedito!*, de Andrade e a tia Nastácia do *Sítio*, de Lobato, revelam sobre o olhar de ambos escritores sobre as questões raciais da época?

Dirce Waltrick do Amarante - Lobato dizia, a respeito do Brasil, que "o nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas". E complementava, "progresso cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas". Lobato foi um crítico feroz do progresso desordenado brasileiro, do funcionalismo público inútil, da falta de visão e educação do brasileiro.

Apesar disso, foi o Brasil, o interior do Brasil, que ele quis descrever nas suas obras. Embora mantivesse seu olhar lá na Europa e principalmente nos Estados Unidos, país que admirava e que via como exemplo a ser seguido.

Quanto à nossa cultura popular, Lobato, ao mesmo tempo em que traz à tona, em sua obra, a cultura popular brasileira (*Histórias da tia Nastácia*), nosso folclore (*Saci*), critica aquilo que ele chama de "histórias do povo", as quais não são se comparam à literatura de "Oscar Wilde[2] e Lewis Carroll". Tia Nastácia e tio Barnabé são os porta-vozes da nossa cultura popular, que, apesar de criticada, é o centro de boa parte das boas aventuras que Lobato narra.

Mário de Andrade, ao contrário, era um escritor que, como diz Silviano Santiago,[3] estava "entregue à tarefa didática não só de contrapor ao pensamento eurocêntrico das nossas elites o abominado passado nacional, como também de reabilitar este pelo viés da multiplicidade das culturas populares que, no silêncio das elites, estiveram prestando-lhe contornos insuspeitos". Mário de Andrade deu início, desse modo, ao "abrasileiramento do Brasil", o qual só seria possível, segundo o escritor, quando o país fosse visto como ele é, quando se começasse a sentir saudades dele (do Brasil) e não do "cais do Sena em plena Quinta de Boa Vista". Para Mário de Andrade, enquanto o brasileiro não se abrasileirasse ele continuaria sendo um "selvagem" ou um indivíduo sem identidade (como o protagonista de sua "História com data" (1921), um rico herdeiro da capital paulista que recebe, depois de um acidente, o cérebro de um operário italiano; ou o próprio Macunaíma,[4] seu herói sem caráter): nem nacional, nem estrangeiro, nem elite, nem operário, nem local, nem cosmopolita.

> "Não acho que Lobato quisesse incentivar a diferença racial no seu Sítio, até porque, ele é contraditório e em alguns momentos propõe situações 'normais', não racistas"

O modernismo de Mário de Andrade passa da "fase do mimetismo, pra fase de criação", como ele mesmo escreveu. Em *Macunaíma*,[5] o escritor traz à tona não mais o índio do romantismo, que era o paradigma das virtudes do país, mas um herói sem identidade.

Quanto ao negrinho de *Será o Benedito!*, sabe-se que Mario de Andrade gostava, como ele dizia, de "parar [na rua] e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição". O escritor não põe em dúvida essa cultura, razão pela qual, na história do negrinho, o protagonista — que é o próprio Mário de Andrade — se ressente de não ter podido falar mais com ele.

IHU On-Line – Como a cultura e a sabedoria popular é apresentada pelos autores?

Dirce Waltrick do Amarante - Mário de Andrade traz à luz, pela primeira vez em língua portuguesa, um dos maiores mitos brasileiros, Macunaíma. Lobato, por sua vez, leva o Saci, a Cuca, o Curupira etc. dos confins do campo para a cidade.

Algumas obras de Lobato

>> Coleção *Sítio do Picapau Amarelo*
1921 - *O Saci*
1931 - *Reinações de Narizinho*
1932 - *Viagem ao céu*
1933 - *Caçadas de Pedrinho*
1934 - *Emília no país da gramática*
1935 - *Geografia de Dona Benta*
1936 - *Dom Quixote das crianças*
1936 - *Memórias da Emília*
1937 - *Serões de Dona Benta*
1937 - *O poço do Visconde*
1937 - *Histórias de Tia Nastácia*
1939 - *O minotauro*

>> Outros livros infantis
Alguns foram incluídos, posteriormente, nos livros da série *Sítio do Picapau Amarelo*. Os primeiros foram compilados no volume *Reinações de Narizinho*, de 1931, em catálogo apenas como tal até os dias atuais.
1924 - *Jeca Tatuzinho*
1928 - *Aventuras do príncipe* (incluído em *Reinações de Narizinho*)
1928 - *A cara de coruja* (incluído em *Reinações de Narizinho*)
1931 - *O pó de pirlimpimpim* (incluído em *Reinações de Narizinho*)
1933 - *Novas reinações de Narizinho*
1938 - *O museu da Emília* (peça de teatro, incluída no livro *Histórias diversas*)

>> Livros para adultos
1918 - *Urupês*
1919 - *Cidades mortas*
1920 - *Negrinha*
1923 - *Mundo da lua*
1932 - *América*
1944 - *A barca de Gleyre*
1947 - *Zé Brasil*
1948 - *Cartas de amor*

2 **Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854-1900)**: escritor irlandês. Criado numa família protestante, em 1892 começou uma série de comédias, hoje clássicos da dramaturgia britânica: *O leque de Lady Windernere* (1892), *Uma mulher sem importância* (1893), *Um marido ideal e A importância de ser fervoroso* (ambas de 1895). Também publicou contos como "O príncipe feliz" e "O rouxinol e a rosa". Seu último romance foi O retrato de Dorian Gray. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Silviano Santiago:** crítico literário brasileiro, ganhador do Prêmio Jabuti em 1997. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Sobre a obra, confira a revista **IHU On-Line** 268, de 11-08-2008, intitulada *Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*. (Nota da **IHU On-Line**)

Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela Igreja

Muito mais do que pai da literatura infantil, Monteiro Lobato era uma voz poderosa e inconteste no cenário da vida social brasileira, considera Eliana Yunes

Por Gilda Carvalho

"Um pensador em ação, um ativista da educação, filosofando através da literatura, oferecendo à escola brasileira que o perseguia, coadjuvada pela igreja, os modos de aprender e ensinar com alegria." É assim que Eliana Yunes, professora de Literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), apresenta Monteiro Lobato, 60 anos após a sua morte. Nesta entrevista à mestranda em Literatura Brasileira da PUC-Rio, Gilda Carvalho, Eliana fala sobre o lugar que Lobato merece ter na cultura brasileira, relembrando os embates e lutas pessoais nas quais o escritor se envolveu e como sua obra pode ser retomada nos dias de hoje. "O projeto estético e político de Lobato precisa de novo olhar e novos leitores podem certamente provocá-lo, se desligados de preconceitos e atentos ao conjunto de sua obra e de sua atuação pública, com foco em um Brasil que pensava também por outras vias a sua modernidade", aconselha. Eliana Yunes é professora de Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e uma referência em pesquisas sobre a vida e obra de Monteiro Lobato. Influenciada pelos ideais lobatianos inscritos nos livros do escritor, ela realiza um extenso trabalho na divulgação de sua obra, o qual se intensificou neste ano em que se comemoram os 60 anos da morte de Lobato.

IHU On-Line - Qual o lugar de Lobato na cultura brasileira?

Eliana Yunes - Na história da literatura brasileira, Lobato ainda é apresentado numa clave de sugestões, que não incorporam os avanços críticos. Isto, apesar dos esforços de grupos de estudiosos, "filhos de Lobato", de trabalhos mais sistemáticos que o apontam não só como o pai da literatura infantil brasileira, mas como um empreendedor, na área econômica e social, com envolvimento direto na pesquisa de minérios, de petróleo; seu compromisso com a saúde pública, a partir da autocrítica com relação ao Jeca; seu libelo desde *Urupês* contra as queimadas em defesa do solo e do meio ambiente; seu pioneirismo na iniciativa editorial, fundando empresas, modernizando revistas e jornais, atualizando projetos gráficos e redes de distribuição, ativo tradutor do que de melhor lhe parecia como fonte de imaginário de que se carece para buscar alternativas a práticas políticas ordinárias do cotidiano. Seu espaço na história da cultura e do pensamento brasileiro ainda estar por ser efetivamente desenhado.

IHU On-Line - A polêmica com os modernistas se resume ao episódio Malfatti?

Eliana Yunes - No relançamento das obras de Lobato, tanto as adultas como as infantis, surpreende a quantidade de resenhas que repetem as cantilenas de regionalismo, pré-modernismo, racismo, como se não houvesse releituras possíveis como a que "reinventou" nos anos 1960 o marco da semana de arte moderna para atualizar Mário e Oswald de Andrade[1] enquanto vanguarda brasileira. Anos antes de Macunaíma,[2] a personagem de *A menina do nariz arrebitado* (1920), Lucia, já cedia espaço a uma boneca de pano precocemente macunaímica. Ou seria o contrário? Na personagem de Mário (1928), traços do caráter de Emília estariam presentes? Há uma diferença de tom crítico e uma divergência de enunciações que impedem um passo direto de Jeca Tatu a Macunaíma, mas a irreverência de Emília tem parentesco com o herói sem-caráter. O problema, porém, reside grandemente no fato de que Lobato era uma voz poderosa e inconteste no cenário da vida social brasileira e paulista: seu peso arrastava a opinião pública. Sem uma tentativa de excluí-lo (ele que publicara na *Revista do Brasil*, de sua propriedade, muitos dos modernistas em gestação, mas não foi convidado para a Semana de arte Moderna), permanecia o temor de não se

1 **Oswald de Andrade** (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o concretismo. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Confira a edição especial da **IHU On-Line** sobre a obra, intitulada *Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*. Edição número 268, de 11-08-2008. A revista está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

firmarem os valores de novos manifestos: em verdade, faltou mais polêmica no berço do modernismo.

IHU On-Line - Mas não há, neste momento, uma retomada de estudos sobre ele?

Eliana Yunes - No bojo da mudança de mãos dos direitos de publicação que passaram da Brasiliense à Editora Globo, muitas teses, sites, núcleos de estudo aparecem na rede e deixam entrever um escritor cidadão, homem público, polemista, visionário. Lobato, neste ano, assiste "de além-túmulo", (como escreveu a Mário de Andrade que o declarara, anos antes, "morto") o mar virar petróleo nas costas brasileiras e, um negro e uma mulher branca disputarem o cargo mais poderoso do planeta — como dissera em *O presidente negro* (1926). Um homem com projeto pessoal e coletivo, com uma utopia a guiá-lo, que enfrentava seus equívocos sem constrangimentos, que não se importava com o fato de as circunstâncias lhe demandarem foco, ora em Henry Ford, ora em Prestes, ora a rechaçar o caboclo, ora a defendê-lo. Era um pensador em ação, um ativista da educação, filosofando através da literatura, oferecendo à escola brasileira que o perseguia, coadjuvada pela igreja, os modos de aprender e ensinar com alegria, além de uma pedagogia *avant la lettre* de saber interdisciplinar e intertextual. Era vanguarda e o sabia, independente do que achassem os modernos.

IHU On-Line - Como se deu este embate com a Igreja?

Eliana Yunes - No final da década de trinta do século XX, Lobato já tinha uma, obra impressionantemente bem distribuída para o público infantil, com sua estratégia de circulação de livros na escola e através de uma rede comercial que não se apoiava apenas em livrarias. Mas onde havia uma farmácia no Brasil, não faltaria uma igreja e já então uma escola. A audácia de Lobato de tratar crianças como interlocutores de respeito, de mimetizar-se em um alterego feminino, sob os panos de uma boneca perturbadora, chamaram a atenção de pedagogos como Anísio Teixeira[3] e Fernando de Azevedo,[4] mas também de vigilantes da moral consolidada e aprovável pela igreja. O padre jesuíta Sales Brasil,[5] atuando em Salvador, publica, então, *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças*. A edição de 1958, das Edições Paulinas, traz cartas de apoio que vêm do Vaticano e um prefácio que clama como vinda desde 1936 a queixa contra "os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato".

IHU On-Line - E que males seriam estes?

Eliana Yunes - Sob a forma de conferências feitas a princípio para rádio e para a tribuna, aparecem no livro as acusações genéricas de comunismo — o vilão ideológico daquelas décadas pós-revolução bolchevique — que incluem o desrespeito a valores como obediência, matrimônio, pátria em doze lições ou negações que rastreia na obra: negação à causa superior de todas as coisas, da divindade de Cristo, da hierarquia social, da civilização cristã, de moralidade do pudor, do respeito a superiores etc. Ele vê sinais explícitos de materialismo, de darwinismo, de marxismo e, pior, de manipulação subliminar das crianças, para a adesão a valores profanos. Apóia-se nas doutrinas da Igreja, lidas com miopia estrita, e ignora solenemente qualquer base "científica" da teoria da literatura. Confunde arte com doutrina, pedagogismo com pedagogia, moralismo com moral. Lobato, como já o fizera com os modernistas, não responde. Depois de sua morte sai a segunda edição do livro, ainda tentando desmoralizar e desqualificar sua contribuição à renovação da educação brasileira, pela discussão da cultura e desrepressão à infância.

IHU On-Line - A obra adulta de Lobato também não tem sido muito reconhecida. Por quê?

Eliana Yunes - Começa a ser relançada a obra adulta — *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920) — e aí está uma oportunidade de reler Lobato, despindo-se dos preconceitos e leituras feitas. Considerados os estilos então dominantes, sua prosa é modernizante, com certeza. Mas, como olha a decadência do campo que experimentara enquanto fazendeiro, a crítica usando critérios cronológicos, o enquadra como regionalista — e deveras dá coragem aos que como ele enxergam uma literatura brasileira "nacional do Rio e de São Paulo" apenas, para saírem de seus nichos e mostrarem outros discursos; alguns chegarão sem adjetivos ao modernismo, na pena de um Guimarães Rosa[6] e de um Graciliano Ramos;[7] como trabalha com a crueza das relações humanas, entre "mortes trágicas" e narrativas carregadas de ignorância e insensibilidade, chamam-no naturalista. No entanto, ele não se limitava a descrever em minúcias uma cena ou personagem, mas sabia traduzir as relações implícitas no contexto. Em *Problema vital*, não se omite: "O jeca não é assim; o Jeca está assim". Lobato, porém escapa continuamente aos enquadramentos.

IHU On-Line - Como ele começa a renovar a literatura brasileira adulta?

Eliana Yunes - Ele trabalhou em muitas frentes. Com a mitologia brasileira, acatou a oralidade e investiu na pesquisa do saci (1918), cujo inquérito sairia sob pseudônimo; em *Cidades mortas* atacou o nacionalismo estreito, a literatura acomodada e de chavões e sentiu-se à vontade para não rebater a ira do modernismo em curso, quando criticou a falta de comunicação popular da obra de Anita Malfatti, reconhecendo-lhe o talento, no entanto. O que ele cobra é "um estilo que se revele mais afim com o sentimento do país" em lugar do expressionismo importado. *Negrinha*, do conto escalado

3 **Anísio Spínola Teixeira** (1900-1971): advogado, intelectual, educador e escritor brasileiro. De suas obras, destacamos *Educação para a democracia: introdução à administração educacional* (2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997). (Nota da ***IHU On-Line***)

4 **Fernando de Azevedo** (1894-1974): professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro. Eleito em 10 de agosto de 1967 para cadeira número 14, sucedendo a A. Carneiro Leão, foi recebido em 24 de setembro de 1968, pelo acadêmico Cassiano Ricardo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Sales Brasil:** padre jesuíta, autor de *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças* (2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1957). (Nota da **IHU On-Line**)

6 Sobre o autor, confira e edição número 275 da **IHU On-Line**, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*. A versão eletrônica está disponível na página do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

7 Confira a edição especial da **IHU On-Line** número 274, de 22-09-2008, intitulada *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*. O material está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

entre os "cem melhores" do país, terá sua defesa e seu contraponto na figura de Tia Nastácia, uma resposta à discussão do valor e da contribuição do negro naquele momento, para a formação cultural da criança brasileira. E Lobato tem humor, às vezes fustigante, outras irônico, feito de sutilezas que deixam o leitor em dúvidas — ou lhe dar a pensar? —, como em *O choque das raças*. Mas, sobretudo, tem público: *Urupês* esgota em dois meses uma tiragem de cinqüenta mil exemplares. E, muito antes de morrer (1943), soube que já tinha vendido mais de um milhão dos infantis.

IHU On-Line - Como um autor deste porte pode ser retomado, pensando-se no contexto modernista que o ignora?

Eliana Yunes - Lobato mantém sua máquina literária — segundo a expressão de teóricos pós-estruturalistas, a "máquina da escritura" — nas correspondências que troca, no jornalismo de retorno e não se afasta da adesão nietzcheana, pelo *vade tecum*: é-lhe impossível separar experiência e ficção. Exímio contador de histórias, afasta a estilística da subjetividade para dar passo à clareza que deve fazer o leitor pensar. Enquanto a crítica literária não ousar releituras anotando as diversidades e a multiplicidade dentro do sistema literatura, a historiografia vai se manter no modelo consolidado que deixa de fazer justiça a autores peculiares como Lobato e Lima Barreto, retomando lugares comuns ao invés das tensões de suas obras. O projeto estético e político de Lobato precisa de novo olhar e novos leitores podem certamente provocá-lo, se desligados de preconceitos e atentos ao conjunto de sua obra e de sua atuação pública, com foco em um Brasil que pensava também por outras vias a sua modernidade.

Leia mais...

Eliana Yunes já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira o material na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

• *Clarice Lispector: uma descoberta avassaladora*. Edição 228, de 16-07-2007, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna do ninho*;

• *Outro pecado, oblíquo e dissimulado*. Edição 262, de 16-06-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*.

Cartas revelam diferentes "Lobatos"

Emerson Tin analisa as cartas escritas por Lobato ao longo da vida e constata que existiram pelo menos seis "Lobatos" diferentes

Por Patricia Fachin

Divulgação

Autor da tese *Em busca do "Lobato das cartas": a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários* (São Paulo, 2007), Emerson Tin apresenta as múltiplas facetas do escritor brasileiro. "Cada um deles aparece de uma maneira diferenciada, moldada não só pelas circunstâncias de tempo e lugar, mas também pelo destinatário a que se dirige", comenta. Diferente daqueles que consideram o escritor brasileiro preconceituoso e atrasado, Tin destaca, entre tantas personalidades, um "homem bastante culto, que tinha acesso, desde a juventude, às mais diversas obras, que leu vários dos clássicos universais (*Ilíada, Odisséia, Eneida*), que lia autores dos mais diversos (Camilo, Eça, Fialho de Almeida, Casanova, La Bretonne, Flaubert, Maupassant, Zola, Anatole France, H. G. Wells, Nietzsche, entre tantos outros) e que não apenas os lia, mas emitia opiniões a respeito do que lia". Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Tin também destaca o interesse de Lobato em emitir comentários sobre os diversos assuntos através de cartas destinadas a amigos e familiares. Segundo ele, esses escritos revelam uma compreensão das percepções de Lobato sobre o mundo e o Brasil. Segundo o pesquisador, muitos dos problemas brasileiros evidenciados há 60 anos ainda permanecem. Nesse sentido, completa, a releitura das obras lobatianas "nos permite tentar buscar uma resposta para esta pergunta insolúvel: no que temos errado?". E dispara: "A releitura das obras de Lobato pode e deve ser feita para que o leitor possa manter contato com um ficcionista de grande qualidade, um polemista aguerrido, um crítico inteligente. E, com isso, possa o leitor enriquecer-se, tanto em sua história de leitura quanto na sua compreensão do Brasil".

Tin é graduado em Letras, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), e mestre e em Teoria e História Literária, pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Atualmente, é docente das Faculdades de Campinas (Facamp) e também leciona no curso de Pós-Graduação em Literatura, do Centro Universitário Padre Anchieta. Experiente na área de Letras, atua em temas como correspondência, Literatura Brasileira, Portuguesa e Francesa dos séculos XVII e XVIII. Entre suas obras, citamos *A arte de escrever cartas* (São Paulo: Unicamp, 2005), *Quando o carteiro chegou — Cartões-postais a Purezinha* (Curitiba: Editora Moderna, 2006) e *Antologia de poesia barroca brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007).

IHU On-Line - Como o senhor descreve o "Lobato das cartas"? É possível estabelecer diferenças entre o Lobato escritor e o Lobato das cartas?

Emerson Tin - Essa imagem de um "Lobato das cartas" surge da própria correspondência do escritor. Na conclusão de uma carta escrita em São Paulo a 2 de junho de 1904, quando estava terminando o curso de Direito, Lobato afirma: "Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na 'vida prática ' em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideais) está a pingar o ponto final. Vou morrer — vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas". É importante notar, nesse trecho, que Lobato desdobra a própria existência em duas, a de um Lobato ideal, o Lobato das cartas — que morreria com a entrada na "vida prática" —, e a de um Lobato real, que seria fazendeiro. Assim, o "Lobato das cartas" seria esse cuja imagem se delineia na correspondência.

IHU On-Line - Podes comentar um pouco sobre as imagens dos seis Lobatos identificados pelo senhor?

Emerson Tin - Essa idéia de buscar as imagens de Lobato na correspondência surgiu a partir da leitura de um livro de Nelson Palma Travassos,[1] que conheceu e conviveu com o escritor, intitulado *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. Ou seja, parecia não haver um Lobato, mas múltiplos Lobatos. Procurei identificar como cada um desses Lobatos surge a partir da sua correspondência. Assim, levantei seis Lobatos. Cada um deles aparece de uma maneira diferenciada, moldada não só pelas circunstâncias de tempo e lugar, mas também pelo destinatário a que se dirige: o Lobato familiar é brincalhão e espontâneo ao escrever para a mãe, mas enche-se de cuidado e formalidade ao escrever para o pai, reveste-se de lugares-comuns românticos da correspondência amorosa ao escrever para a noiva, embora os ridicularize aos amigos; o Lobato escritor e editor é reconhecido como mestre por aqueles com quem se corresponde, mas recusa o título, embora tome atitudes de formação perante os destinatários, e divide-se entre, como afirma em suas cartas, ser daqueles "que decidem do destino das coisas literárias do país" e ser "uma pobre besta que trabalha, e nada mais"; o Lobato dos Estados Unidos, estupefato diante da grandeza do país em comparação com a pobreza do Brasil que acabara de deixar e que se deixava enganar, como no caso da miss Brasil no concurso de Galveston, narrado por ele a vários de seus destinatários; o Lobato do ferro e do petróleo, ora um soldado "que nasceu para morrer na sentinela", ora um novo São João Batista clamando no "deserto de inconsciência" em busca do ferro e do petróleo para o Brasil; o Lobato do cárcere, apresentando-se ironicamente como um mártir do petróleo; e o Lobato das crianças, ora apelando para o *nonsense* e o absurdo, ora assumindo a *persona* de um de seus personagens, como na carta em que responde a um seu leitor, mas assinando-a como sendo o Visconde de Sabugosa.

IHU On-Line - Que perfil de Lobato podemos encontrar através das correspondências enviadas pelo escritor? O que elas revelam sobre seu modo de ser e agir?

Emerson Tin - Lobato viveu num tempo em que o ato de escrever cartas era visto como uma atividade social. Contudo, da mesma forma que era um meio de se fazer presente nas mais diversas ocasiões, alegres ou tristes, era também um meio de intervenção. Nesse sentido, vemos o Lobato mais combativo que surge nos anos 1930, levando adiante as campanhas pelo ferro e pelo petróleo. Mas encontramos outros Lobatos nessa correspondência, e foi isso que procurei demonstrar em minha pesquisa. Tanto é assim que Lobato chegou a afirmar, de modo jocoso, em carta para Godofredo Rangel, datada de 5 de setembro de 1943: "Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do *Pithecanthropus erectus*...". Assim, penso que talvez seja na melhor compreensão desse exercício de civilidade e desse meio de intervenção — certamente não exclusivo de Lobato — que possamos entender de modo mais aprimorado a historiografia e a literatura brasileiras.

IHU On-Line - As cartas ajudam a compreender, de alguma maneira, o sentido da obra lobatiana, e as percepções de Lobato sobre o mundo e, especialmente, o Brasil?

Emerson Tin - Certamente. Há quem sustente uma imagem reacionária de Lobato, ligada ao que pode haver de mais atrasado e preconceituoso. O que a leitura das cartas me trouxe foi a imagem de um homem bastante culto, que tinha acesso, desde a juventude, às mais diversas obras, que leu vários dos clássicos universais (*Ilíada*, *Odisséia*, *Eneida*), que lia autores dos mais diversos (Camilo,[2] Eça,[3] Fialho de Almeida,[4] Casanova,[5] La Bretonne,[6] Flaubert,[7] Maupassant,[8] Zola,[9] Anatole France,[10]

1 **Nelson Palma Travassos** (1903-1984): proprietário rural, jornalista e editor brasileiro. Foi colaborador dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. E membro da Academia Paulista de Letras, tendo sido o terceiro ocupante da cadeira nº 18, e da Academia Paulista de Jornalismo, na qual ocupou a cadeira nº 35. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco** (1825-1890): escritor romancista português, além de cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **José Maria de Eça de Queirós** (1845-1900): por muitos, considerado o melhor escritor realista português do século XIX. Foi autor, entre outros romances de importância reconhecida, de *Os maias* e *O crime do Padre Amaro*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **José Valentim Fialho de Almeida**, mais conhecido apenas como Fialho de Almeida (1857-1911): médico e escritor pós-romântico português. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Giacomo Girolamo Casanova** (1725-1798): escritor e aventureiro italiano. Interrompeu as duas carreiras profissionais que iniciou — a militar e a eclesiástica — e levou uma vida acidentada. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Nicolas Edme Restif**, conhecido como Restif de La Bretonne (1734-1806): escritor francês. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor francês, um dos maiores escritores ocidentais. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Henry René Albert Guy de Maupassant** (1850-1893): escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Émile Zola** (1840-1902): escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista além uma importante figura libertária da França. Foi presumivelmente assassinado por desconhecidos em 1902, quatro anos depois de ter publicado o famoso artigo *J'accuse*, em que acusa os responsáveis pelo processo fraudulento de que Alfred Dreyfus foi vítima. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Jacques Anatole François Thibault**, mais

H. G. Wells, Nietzsche, entre tantos outros) e que não apenas os lia, mas emitia opiniões a respeito do que lia. Ou seja, encontramos um leitor bastante sofisticado. Ao lado disso, vemos Lobato emitindo opiniões sobre os mais diversos assuntos, que variavam de acordo com o momento da escrita da carta: desde questões de política local até discussões de amplitude mundial. Lobato sempre se posicionava sobre um determinado assunto, e é isso que podemos ver registrado em sua correspondência. Nesse sentido, as cartas permitem, sim, uma compreensão das percepções de Lobato sobre o mundo e sobre o Brasil. Porém, não podemos nunca nos esquecer de que essas percepções, porque expressas em cartas, veículos efêmeros, momentâneos, devem ser tomadas como elas efetivamente são, ou seja, o registro de um momento específico. Assim, se alguém afirma alguma coisa numa carta, isso não pode ser tomado de forma absoluta. Devemos pensar apenas que esse é o registro do pensamento do remetente naquele momento específico. Para extrair maiores conclusões, a carta pode ser um indício, mas não a única prova definitiva.

IHU On-Line - O que as cartas de Lobato ao amigo Godofredo Rangel, publicadas no livro *A barca de Gleyre*, revelam sobre a produção literária do autor e a maneira como ele pensava e projetava seus personagens? É possível traçar semelhanças entre as cartas e os livros infantis do autor?

Emerson Tin - *A barca de Gleyre* reúne parte das cartas enviadas por Monteiro Lobato a Godofredo Rangel em mais de 40 anos de correspondência, mais precisamente entre os anos de 1903 e 1948. A maior parte das cartas, porém, é de um período anterior à produção literária infantil de Lobato, de modo que encontramos ali várias alusões a obras da fase adulta do escritor. Podemos ter idéia de como era a produção literária de Lobato, sim. Por exemplo, vemos que ele escrevia e reescrevia seus contos e aconselhava: "O melhor é passarmos os nossos contos à letra de forma do *Minarete*, para melhor os consertarmos". O que não quer dizer que não haja cartas sobre os livros infantis. Encontramos na correspondência comentários de Lobato sobre livros e personagens, sobre seus projetos, inclusive aqueles que não foram levados a cabo, como o livro que projetara sobre a história da América contada pelo Aconcágua, projeto que, pelo que se sabe, Lobato sequer chegou a iniciar. Quanto a semelhanças entre as cartas e os livros infantis de Lobato, acho que há semelhanças, sim, principalmente ligadas à linguagem e ao à-vontade com que Lobato insere os assuntos em suas cartas, à maneira que o faz em vários episódios de seus livros infantis.

> **"O que Lobato condenava era a transplantação irracional dos estrangeirismos. Ilustra bem isso o episódio que teria dado origem ao inquérito do Saci-pererê"**

IHU On-Line - Qual era o destaque de Lobato no pré-modernismo, considerando que ele contrário a todas as apropriações estrangeiras, sendo favorável a uma arte totalmente brasileira?

Emerson Tin - Por um lado, esse rótulo de "pré-modernismo" diz muito mais do que parece: definir alguma coisa como "pré" ou "pós" acaba por lançar luz a um outro período que não aquele que é assim definido. Nesse sentido, não apenas a obra de Monteiro Lobato, mas toda a obra de autores de um período que ficou conhecido como "pré-modernismo" submergiu diante do fenômeno do modernismo. Por outro lado, não considero que Lobato fosse contrário a todas as apropriações estrangeiras (assim como o Modernismo também não o foi). Tanto que Lobato lia e traduzia autores estrangeiros, inspirava-se neles (ele tem, por exemplo, um conto intitulado "Meu conto de Maupassant") e incorporava-os em sua obra. Basta nos lembrarmos do que ele faz com os contos de fadas europeus, a mitologia grega ou D. Quixote em suas obras infantis. Nesse sentido, não é possível, em minha opinião, dizer com todas as letras que Lobato fosse favorável a uma arte totalmente brasileira, não pelo menos nesse sentido de ser contrário a todas as apropriações estrangeiras. O que Lobato condenava, segundo penso, era a transplantação irracional dos estrangeirismos. Ilustra bem isso o episódio que teria dado origem ao inquérito do Saci-pererê. Lobato teria, durante um passeio no Jardim da Luz, se deparado com anõezinhos do Reno, encapotados e barbados, enfeitando os jardins. A presença dos anõezinhos indignou Lobato, que não compreendia por que se utilizavam anões germânicos para decorar um jardim de um país tropical. Tal como hoje, às vésperas do Natal, enfeitamos a árvore de Natal — um invernoso pinheiro — com algodão à guisa de neve... Penso que era contra isso que Lobato lutava.

IHU On-Line - Qual o conteúdo das cartas escritas por Lobato no cárcere? Em que sentido elas se assemelham as correspondê ncias escritas por Gramsci e Frei Betto, por exemplo?

Emerson Tin - Antes de mais nada, é necessário desfazer uma confusão que acontece em muitas fontes biográficas. Houve dois períodos em que Lobato ficou preso: o primeiro, em janeiro de 1941, durante quatro dias; o segundo, durante três meses, entre março e junho do mesmo ano. Do primeiro período, temos apenas uma carta, escrita à esposa, D. Purezinha. Essa carta difere das restantes escritas no cárcere pelo seu tom melancólico, até mesmo desesperado, já que Lobato se encontra preso e incomunicável.

conhecido como Anatole France (1844-1924): escritor francês. Seus livros apresentam um tom cético. Publicou romances e contos que obtiveram grande sucesso, onde se revela possuidor de uma arte requintada e sutil. Seu primeiro grande êxito foi *O crime de Silvestre Bonnard*, premiado pela Academia francesa. Outras obras são *Thais*, *O lírio vermelho*, *O poço de Santa Clara* e *A rebelião dos anjos*. (Nota da **IHU On-Line**)

As cartas do segundo período, quando Lobato já podia se comunicar, podia trabalhar na prisão, receber visitas, diferem completamente. Nelas encontramos um Lobato por vezes mais irônico do que de costume, procurando ridicularizar tanto a prisão quanto os seus algozes. Quanto às semelhanças que elas teriam com as escritas por Gramsci[11] ou Frei Betto, decorrem tão-somente do fato de serem todas exemplares de um subgênero epistolar — o das cartas de prisão — e de provirem de períodos ditatoriais: Lobato sob a ditadura de Vargas, Gramsci sob a de Mussolini, Frei Betto sob a do regime militar de 1964. Também se assemelham pelo fato de tratarem do cotidiano da prisão, inclusive ao denunciar abusos e violências. Nesse sentido, é exemplar a carta que Lobato escreve ao interventor do Estado de São Paulo, Fernando Costa, em 4 de junho de 1941, em que relata as torturas de que chegou a ter notícias na detenção.

IHU On-Line - Em que sentido a releitura de suas obras ainda são intensas para compreender o Brasil de hoje?

Emerson Tin - Na medida em que, infelizmente, muitos dos problemas do Brasil de Lobato são ainda os do Brasil de hoje, a releitura de suas obras nos permite tentar buscar uma resposta para esta pergunta insolúvel: no que temos errado? Não fosse por isso, a releitura das obras de Lobato pode e deve ser feita para que o leitor possa manter contato com um ficcionista de grande qualidade, um polemista aguerrido, um crítico inteligente. E, com isso, possa o leitor enriquecer-se, tanto em sua história de leitura quanto na sua compreensão do Brasil.

11 **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da **IHU On-Line**, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. (Nota da **IHU On-Line**)

Evocação de Lobato

O artigo a seguir foi enviado à **IHU On-Line** por Antonio A. Serra, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em homenagem ao sexagésimo aniversário da morte de Monteiro Lobato, o pesquisador participou das Jornadas Lobatianas promovidas pela Cátedra Unesco de Literatura PUC-Rio. No texto a seguir, Serra percorre a vida e a produção literária de Lobato, viajando entre uma e outra, e revelando um homem que pensou em alternativas para o Brasil e que inculcou nos brasileiros a justificativa científica e política da viabilidade do petróleo e do ferro. Antonio A. Serra é formado em Filosofia, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e mestre em Comunicação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Enquanto me preparava para participar do debate "Monteiro Lobato — O homem público", fiquei a matutar: tratava-se, certamente, do Lobato editor, empresário, especialmente do Lobato das campanhas de industrialização do Brasil, quando ele foi o estudioso que investiga antes de agir e o empreendedor que não teme envolver-se com a vida prática e assume o êxito e o fracasso.

Estas lutas, com seus dissabores, mostram hoje os resultados. Sou do tempo em que falar de petróleo no Brasil era expor-se ao ridículo e muitos consideravam tal possibilidade quimérica ou pretexto de agitação subversiva. Agora, que o país se dá ao luxo de discutir como administrar seus gigantescos poços e, especialmente, como não cometer os gravíssimos erros de desperdício, predação ambiental e dependência do combustível fóssil, Lobato é mais do que um precursor, visionário ou mártir, pois foi ele quem inculcou nas cabecinhas brasileiras a justificativa científica e política da viabilidade do petróleo e do ferro.

As investidas (digamos assim) "desenvolvimentistas" de Lobato não se nutriram apenas de vontade férrea e obstinação. O exemplo de nações então mais avançadas como os Estados Unidos, mas acima de tudo o que sua voracidade de leitor lhe ensinara do valor do conhecimento e das ciências levaram nosso herói a se preparar munindo-se de referências objetivas e de saberes consistentes que conferissem fundamentos minimamente sólidos às suas investidas. Deste modo, num ambiente econômico marcado pelo tradicionalismo, o clientelismo do estado ou os arroubos aventureiros, Lobato ensinava que as sociedades dispõem de repertório de conhecimentos que pavimentem os caminhos do desenvolvimento.

Embora o cultivo sistemático das ciências datasse no Brasil dos inícios do século XIX e instituições diversas e cientistas notáveis viessem mantendo a pesquisa e aplicando-a na saúde, engenharia, agricultura ou mineração, o fato é que tanto o acervo das ciências como o modo peculiar da ciência tratar a realidade não faziam parte da educação comum e tampouco freqüentavam as conversas dos políticos.

Literatura: um instrumento para divulgar a ciência

Certamente estimulado por autores como H. G. Wells,[1] Will Durant,[2]

1 **Herbert George Wells** (1866-1946): escritor britânico. Nascido em Londres, Wells foi professor na Midhurst Grammar School até ganhar uma bolsa na Escola Normal de Ciências, em Londres, para estudar biologia. Nos seus primeiros romances, descritos como "romances científicos", inventou uma série de temas que foram aprofundados por outros escritores de ficção cientifica, e que entraram na cultura popular em trabalhos como *A máquina do tempo* e *O homem invisível*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **William James Durant** (1885-1981): filósofo, historiador e escritor estadunidense. Mais

Julian Huxley[3] e depois Bertrand Russell,[4] Lobato assumiu uma postura esclarecida diante das ciências (mas evitando delas fazer o pretexto para doutrinas totalizantes e definitivas, tão ao gosto da época) e decidiu divulgar a ciência para um amplo público, em traduções (para aos adultos) e estrategicamente em obras destinadas ao público infantil.

A verdade é que Dona Benta revelou-se expositora admirável do estado dos conhecimentos daquele momento, da astronomia, geografia, ciências da natureza, história, tecnologia, matemática e linguagem. Como testemunham as crianças do Sítio na *Viagem ao céu*, o que se mostra tão complicado e abstruso na algaravia dos "sábios de cartola" flui cristalino nas palavras da velhinha. Qual o milagre? Dona Benta acrescenta mais esta lição: é que só conseguimos ser entendidos quando nós mesmos entendemos. Simples, não? Mas que estocada ferina nos retóricos vazios, antes preocupados com seu renome do que em esclarecer.

Dona Benta era "tão sabida" porque leu muito, muito mesmo. Mas leu "por dentro" dos livros e se fez interlocutora deles e dos autores, daí o êxito assombroso de sua proficiência expositiva, clara, confiante e sem causar modorra nos ouvintes. Não menosprezemos, porém, este outro personagem quase tão sábio, Visconde. É certo que muitas vezes Lobato confere excessiva solenidade aos "pronunciamentos" do Sabugo, ditos com aquela presteza e precisão da Enciclopédia Britânica. Por isto mesmo, ele é um ser misto, um remanescente vegetal, porém vivo: depois de passar um tempo esquecido entre uns livros das *Aventuras de Sherlock Holmes*, Visconde, embolorado pelo mofo, é resgatado e revela-se um estupendo detetive, solucionando o caso embaraçoso do falso Gato Félix. Muito bem: um saber típico da assimilação, saber-esponja, reconhecido, necessário e meritório, mas insuficiente para cumprir a vocação inovadora do conhecimento que Lobato enfatiza para seu jovem público.

As crianças, por sua vez, satisfeitas com as lições de Benta ou do Sabugo, põem-se a observar e a experimentar. A inquietude alia-se à curiosidade e ambas, naturais da idade, dão-lhes asas e alçadas pela liberdade fomentada por Dona Benta aprendem Astronomia pisando o chão da Lua ou fazendo escorrega nos anéis de Saturno. Ou saem das aulas de geologia do Visconde para logo estarem a prospectar e escavar as camadas donde surgirá o petróleo.

O espírito alerta e os olhos abertos de Lobato, a postura rigorosamente anti-dogmática e a disposição de admitir o exame de tudo, de qualquer pretensa verdade e de preconceitos, favoreceram esta aposta na experimentação como fonte tanto de conhecimento como de ações. Nada aceitar por comodismo ou por imposição; buscar sempre ver, tocar e postar-se diante do fenômeno para formar seu juízo próprio; não temer introduzir modificações para verificar os efeitos.

Estas atitudes não são restritas àquilo que chamamos "conhecimento" nem são meros expedientes de sala de aula: são parte do *ethos* realista e sem dúvida individualista que Lobato aprecia como componente da vida de seres independentes. Nas reformas, a vontade um tanto prepotente de Emília altera o funcionamento da natureza (*A reforma da natureza*) ou reduz a estatura dos humanos (*A chave do tamanho*), invocando razões respeitáveis de utilidade, eficiência ou de encerramento da guerra e da violência. Lobato nos faz acompanhar estas experiências e, com franqueza, expõe todos seus aspectos: ou seja, ele não antecipa sua conclusão moral, mas nos induz a ver e constatar o que acontece.

(Diga-se de passagem que é tocante o respeito de Lobato pelas crianças: o maravilhoso e fantasioso das histórias jamais autorizam o engodo e a dissimulação. Ele as trata com carinho, atento à sua psicologia e ambiente, mas sempre com lealdade e sem escamotear os descaminhos do mundo e do humano. Foi por isto que elas sempre o admiraram e amaram).

As conseqüências das "reformas" vão além do esperado. Em *Chave do tamanho*, os reclamos daqueles que perderam o tamanho e hoje são presa fácil de pintos e gatos impõem a Emília decidir se religa ou não a chave. Ela, porém, arroga-se o direito de examinar diretamente a situação do mundo após a mudança. Segue-se uma daquelas viagens de aprendizado, Emília constatando como havia conseguido realizar o sonho de Dona Benta, que vivia a se lamentar com a guerra mundial. Os combates cessaram e homens prepotentes e arrogantes, como Hitler ou o imperador do Japão, eram hoje minúsculos animaizinhos escondendo-se e fugindo dos predadores domésticos. (É verdade que milhões de soldados afogaram-se sob seus uniformes ou congelaram na neve.) Ela e Visconde visitam uma povoação recentemente fundada por um grupo de humanos nos Estados Unidos, que se abrigaram sob um balde emborcado (daí o nome *Pail City*) e logo fincaram um núcleo pioneiro para lidar com esta nova realidade. Assim, rapidamente se adaptaram (alimentando-se, por exemplo, de minhocas secas ao Sol) e começaram a experimentar tecnologias e modos de vida, numa atitude que chamamos hoje de "propositiva".

Tudo isto recomendaria, no pensamento de Emília, a manutenção do recente *statu quo*. Por fim, decide-se votar e Emília perde (ela pensara que Visconde era seu eleitor de cabresto). E, cumprindo a deliberação democrática, a boneca retorna à Casa das Chaves e, a con-

conhecido por sua autoria e co-autoria junto a sua mulher Ariel Durant na série historiográfica *História da Civilização*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Julian Sorell Huxley** (1887-1975): biólogo, escritor e humanista britânico. É conhecido por suas contribuiçoes pela popularizaçao da ciência atraves de livros e conferências. Foi o primeiro diretor-geral da Unesco, e foi nomeado Cavaleiro da Coroa Britância, em 1958. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Bertrand Arthur William Russell** (1872-1970): matemático, filósofo. Foi também um importante politico liberal, ativista e popularizador da Filosofia, além de um crítico das armas nucleares e da guerra estadunidense no Vietnã. Em 1950, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento dos seus variados e significativos escritos, nos quais apresentava ideais humanitários e liberdade de pensamento. (Nota da **IHU On-Line**)

tragosto, gira ao contrário a chave do tamanho e tudo volta ao normal.

Nestas histórias uma louvável reflexão: as "grandes reformas", que prometem solucionar "definitivamente" os erros e corrigir os males "para sempre" geralmente vêm acompanhadas da perda de liberdades, e por isto é sempre bom olhar com cuidado tais promessas.

O saber não é apenas o que os séculos depositaram nos livros e os lábios de Dona Benta revelam. O saber é o resultado dinâmico do suor e ousadia de muitos indivíduos, da convicção de que o conhecimento e a educação são os grandes meios dos seres humanos se aperfeiçoarem (a clássica *paidea*), de melhorar a si próprios e ao mundo que nos rodeia. Conhecimento e educação nascem da liberdade, sem a qual não há pensamento nem descoberta.

Um convite à imaginação

As obras voltadas para nós, então crianças, são este convite ao esvoaçar da imaginação, aos saltos libertários que nos fazem escapar dos grilhões da causalidade, de um clima permanente de "férias" e disponibilidade para a aventura, pois eram virtudes que Lobato apreciava nas crianças e que considerava fundamental cultivar e propiciar para que não crescessem encruados e mirrados iguais a pintos esquecidos pelas mães. As aventuras, entretanto, eram também harmonicamente associadas às estripulias dos saberes, quando o aprender se faz ouvindo os mais sábios, mas sempre conferindo por conta própria (é assim que amadurecemos). Enfim, aprender pode ser tão gostoso quanto espichar-se num galho de jaboticabeira e ali tocar sem fim "a música de sempre — *tloc! pluf! nhoc!*" (*Reinações de Narizinho*).

As gerações que vivenciaram estas histórias (que as leram, ouviram e sorveram) incorporaram Lobato como os gregos digeriram Homero:[5] fonte de admiração, de prazer e de ensinamento. Quando estas gerações percorreram seus períodos escolares sentiram e refletiram sobre os contrastes entre a escolaridade rígida com sua sensaboria e a vivacidade dos serões e as peripécias "laboratoriais" do Sítio, seu igualitarismo destoante das hierarquias da escola. Aí está, sem dúvida, um belíssimo horizonte de formação de seres humanos esclarecidos, cooperativos e independentes.

Mas a virtude que Lobato mais estimava nas crianças era a sinceridade, cuja escassez entre os adultos fora o motivo principal de não mais escrever para marmanjos. Ele próprio vivera as agruras de sua franqueza. Além de não gostar de se enganar com ilusões, de repudiar a "literatice de salão" com seus personagens e ambientes tirados de outros livros e não da vida, Lobato adotara como regra dizer o que pensava e como método escancarar as janelas da realidade

A repercussão inesperada de *Velha Praga* e *Urupês*, tanto o ensaio brasiliano como a ficção provêm justamente deste olhar de frente o mundo e dizer o que é, como faziam os primeiros filósofos. A opinião ilustrada daquela época era protegida do "real" pela distância social e geográfica, era engalanada pelo ufanismo grandiloquente ou o desprezo transatlântico por nossa "raça degenerada" de mestiçagem incomodamente indefinida.

Lobato falou de nós brasileiros com agudo senso crítico, não nos cortejou nem ficou a tecer o véu diáfano de fantasias. Com aspereza e quase desespero, mas logo, com igual franqueza e sinceridade, retificou seu diagnóstico e, literalmente, pôs o dedo na ferida: o Jeca é, ante de tudo, doente. Doente pelo abandono, pela incúria, pela exploração. (E nós, pela conivência ou vantagem, somos outros tantos Jecas.)

Resistindo sempre a reverenciar as verdades estabelecidas e as autoridades (de governo e das letras) autoconsagradas, Lobato fez da verdade seu Rocinante, seu elmo de Mabrino, sua adaga antiga, o moscardo socrático a espicaçar os dormentes da vida.

É Emília, sua porta-voz eleita, quem resume o ideário lobatiano, na conclusão de suas *Memórias*:

> *Antes de pingar o ponto final quero que saibam que é uma grande mentira o que anda escrito a respeito do meu coração. Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração — só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal do mundo é a justiça. Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói. Quando ouvi Dona Benta contar a estória de Dom Quixote, meu coração doeu várias vezes, porque aquele homem ficou louco apenas por excesso de bondade. .... Quantos homens não padecem nas cadeias do mundo só porque quiseram melhorar a sorte da humanidade? Aquele Jesus Cristo que Dona Benta tem no oratório, pregado numa cruz, foi um. Os homens do seu tempo que só cuidavam de si, esses viveram ricos e felizes. Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve de agüentar o maior dos martírios.* (*Memórias da Emília*, capítulo XV)

Foi com "lições" como esta que aprendi um pouco sobre a hoje tão famosa "esfera pública". E, com Lobato, que a boa vida pública começa com a franqueza, a verdade e a transparência.

Era bom, agora, viajar às *Grécias* de Lobato. Mas fica para outro dia.

5 **Homero**: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: *Ilíada* e *Odisséia*. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da **IHU On-Line**)

Lobato como tradutor

Giovana Cordeiro Campos, doutoranda do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), dedica-se ao estudo de traduções literárias e ao aprofundamento da pesquisa sobra a prática tradutória e editorial de Monteiro Lobato. No artigo que segue, enviado à **IHU On-Line**, Giovana revela a intensa atividade de tradutor que Lobato empreendeu. Por seu intermédio, chegaram ao leitor brasileiro obras como *D. Quixote*, de Cervantes, *As viagens de Gulliver*, *As aventuras de Tom Sawyer* e inúmeros contos de Grimm. Como tradutor, tinha a preocupação de aproximar a linguagem à realidade brasileira, bem como de apresentar ao público local outras realidades culturais.

Em sua dissertação de mestrado, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, a pesquisadora estudou as traduções do romance *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway, realizadas respectivamente por Monteiro Lobato (1941) e Luís Peazê (2004). Conheça mais sobre o Lobato tradutor, no texto a seguir.

Monteiro Lobato é mais conhecido como escritor de obras infantis. Contudo, esta é apenas uma de suas múltiplas facetas, as quais incluem o jornalista, o editor, o empreendedor, o intelectual e o tradutor. Entre as suas muitas atuações, Lobato foi o responsável pela entrada de diversas obras estrangeiras no Brasil por meio de traduções por ele realizadas e/ou editadas.

Lobato iniciou seu ofício como tradutor quanto era promotor em Areias, em 1908. Ele realizava traduções de artigos do *Weekly Times* para *O Estado de S. Paulo* e já nessa época mostrava-se descontente com a grande influência da literatura francesa no cenário nacional. Para o então promotor-tradutor, a literatura inglesa era muito mais variada e interessante: "Para neutralizar esta Areias [...] injeto-me de inglês [...][1] O francês anda a me engulhar as tripas. A literatura inglesa é muito mais [...] variada [...]. Não há tigres [...] na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé" (Lobato, 1955b, p. 225-226). Essa preferência viria posteriormente a impulsionar toda uma política editorial com vistas à renovação do cenário cultural brasileiro por meio de obras estrangeiras, sobretudo advindas do contexto anglo-americano (ver Campos, 2004). De acordo com Denise Mendes (2002), Lobato traduziu 72 obras, sendo que 67% delas eram de origem anglo-americana. Os outros 33% representavam obras de outros contextos, como o francês e o alemão, entre outros.

Lobato editor

Lobato começou seu ofício de editor a partir da compra da *Revista do Brasil*, em 1918. Pela revista, havia publicado seus primeiros livros – *Saci: resultado de um inquérito* (sob pseudônimo) e *Urupês* (sob seu nome verdadeiro). Ambos tiveram grande sucesso, contudo levaram Lobato a perceber a necessidade de expandir a rede de distribuição. Com esse intuito, o jornalista, escritor e agora editor teve a idéia de enviar livros em consignação a comerciantes diversos, ampliando os postos de venda de 30 para cerca de dois mil. Além disso, passou a fazer propaganda e a investir não apenas em capas mais chamativas, com ilustrações e cores, como também na importação de tipos modernos. Com o amigo Octalles Marcondes Ferreira,[2] Lobato criou a editora Monteiro Lobato e Companhia. Posteriormente, acreditando na continuação do sucesso da editora, reorganizou a empresa como Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato. Todavia, com a intensificação da crise de 1924, a empresa teve que ser liquidada. Em novembro de 1925, Lobato e Marcondes fundaram a Companhia Editora Nacional que, entre outras coisas, iria inundar o mercado editorial nacional com diversas traduções.

Por intermédio de Lobato, obras como *The happy prince* (*O príncipe feliz*), de Oscar Wilde, *Gulliver's travels* (*As viagens de Gulliver*), de Jonathan Swift,[3] *Dom Quixote*, de Cervantes,[4] *For whom the bell tolls* (*Por quem os sinos dobram*) e *A farewell do arms* (*Adeus às armas*), de Ernest Hemingway ,[5] *White fang* (*Caninos brancos*) e *A daugther of the snows* (*A filha da neve*), de Jack London,[6] *The adventures of Tom Sawyer* (*As aventuras de Tom Sawyer*) e *Hucleberry Finn* (*As aventuras de Huck*), de Mark Twain,[7] *Contos de Grimm* e *Novos contos de Grimm*, de Hans Christian Andersen,[8] entre muitas outras, chegaram ao Brasil em língua portuguesa do Brasil. Esse contato com outras literaturas estrangeiras que não apenas a de origem francesa (o referencial da década de 1920) permitiu ao

1 O trecho refere-se a uma carta de Lobato, na qual ele reclama da pasmaceira da vida em Areias onde morava. Para passar o tempo, ele lia inglês e fazia traduções. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Octalles Marcondes Ferreira:** sócio de Monteiro Lobato na Companhia Editora Nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Jonathan Swift** (1667-1745): escritor irlandês. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Miguel de Cervantes e Saavedra** (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Ernest Miller Hemingway** (1899-1961): escritor estadunidense. Trabalhou como correspondente de guerra em Madrid durante a Guerra Civil Espanhola. Essa experiência inspirou uma de suas maiores obras *Por quem os sinos dobram*. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, se instalou em Cuba. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Jack London** (1876-1916): escritor americano, autor de mais de 50 livros, utilizava o pseudônimo de John Griffith Chaney. Entre suas obras, citamos *The call of the wild*, *White fang* e *The sea-wolf*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Mark Twain** (1835-1910): escritor, humorista e romancista estadunidense. Sua obra mais conhecida é *As aventuras de Tom Sawyer*, de 1876. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Hans Christian Andersen** (1805-1875): poeta e escritor dinamarquês de histórias infantis. Escreveu peças de teatro, canções patrióticas, contos, histórias, e, principalmente, contos de fadas, pelos quais é mundialmente conhecido. Entre os contos de Andersen, destacam-se: *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia* e *A roupa nova do rei*, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

leitor brasileiro vivenciar novas e diferentes culturas, vindo a promover uma renovação no cenário literário nacional. O contato com livros e personagens estrangeiras também era feito por meio da inserção dos mesmos nas obras escritas por Lobato. Desse modo, Emília ficava curiosa e tentava ler *Dom Quixote* que estava na última prateleira da estante; Dona Benta encomendava um livro original em inglês para descobrir quem era Peter Pan e Narizinho podia se encontrar com vários personagens de outras culturas no *Sítio do Picapau Amarelo*.

Inovando a literatura infantil

Lobato percebera que havia uma lacuna na literatura infantil do contexto brasileiro. Esta seria preenchida não apenas pela criação de toda uma nova literatura infantil nacional, com obras escritas por Lobato, mas também pelas diversificadas traduções publicadas e/ou realizadas pelo tradutor-escritor-editor. Nesse sentido, é possível afirmar que as traduções também funcionaram como uma força inovadora, e não apenas a produção autoral do referido autor.

Lobato também procurou combater as traduções indiretas (realização de traduções a partir de outras traduções), bem como daquelas feitas para o português de Portugal. Para ele, as traduções deveriam ser realizadas diretamente, e para o português do Brasil. O estilo rebuscado das traduções era outro motivo de aborrecimento. Lobato almejava um uso mais simples e brasileiro da linguagem nas suas obras, sendo esse também seu objetivo no que tangia à atividade tradutória. Ao encomendar uma tradução, a recomendação era a de que o estilo deveria privilegiar o contexto nacional: "Vá traduzindo [...] em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma — só em matéria de fundo" (Lobato, 1955c, p. 232). O tradutor, portanto, deveria observar os acontecimentos, temas, personagens etc. do texto-fonte, mas não o modo como tudo isso era expresso. Assim, se o objetivo tradutório era o de uma renovação, esta se dava somente em termos culturais, não abrangendo à linguagem. O critério era o da facilitação da leitura, da fluência, com vistas a levar o texto até o leitor e não o contrário (ver Campos, 2004).

Como exemplo da postura tradutória de Lobato, tomemos trechos extraídos da análise da tradução das obras *For whom the bell tolls* (1940) e de *A farewell do arms* (1929), ambas de Ernest Hemingway, intituladas *Por quem os sinos dobram* (1941) e *Adeus às armas* (1942), respectivamente.

No caso de *Por quem os sinos dobram*, os referenciais culturais foram mantidos — o nome das personagens, os temas (a guerra civil espanhola, a amor de Robert e Maria, a traição de Pablo etc.), os locais, as palavras em espanhol faladas pelas personagens, a alimentação, como a *paella* (Hemingway, 1942, p. 74) etc. Desse modo, tem-se uma troca cultural por meio da alteridade advinda da obra estrangeira. No que se refere à linguagem, por outro lado, predominou o estilo do autor-tradutor, o qual privilegiava a "língua da terra" (Lobato, 1955c, p. 276). Como exemplo, tomemos o trecho do texto-fonte com sua respectiva tradução:

> *Look at her*, he said to himself. *Look at her*.
>
> He *looked at her* [...]. She walks like a colt moves, he thought. You do not run onto something like that. *Such things don't happen. Maybe it never did happen*, he thought. *Maybe* you dreamed it or made it up and *it never did happen. Maybe* it is like the dreams you have when some one you have seen in the cinema comes to your bed at night and is so kind and lovely. He'd slept with them all that way when he was asleep in bed. He could remember Garbo still, and Harlow. Yes, Harlow many times. *Maybe* it was like those dreams (Hemingway, 1995, p. 137).

> Lá está ela, disse Jordan para si mesmo. *Olhem-me só aquilo*.
>
> Maria, feliz [...]. Tem o andar dum potro novo, pensou Jordan. Nunca encontrei ninguém assim. *É coisa rara. E será que isto aconteceu? Não será um sonho? Não estarei por acaso sonhando?* Talvez tudo não passe dum desses sonhos que o cinema nos cria na imaginação. Muitas vezes dormi com as sombras da tela. *Ainda me lembro* da Garbo e da Harlow — *sempre mais desta que da outra. Quem sabe se Maria não é um sonho desses?* (Hemingway, 1941, p. 118-119).

Os trechos grifados remetem para a não observância da forma do original, prevalecendo o estilo de Lobato. Um bom exemplo é a transformação das frases justapostas, nas quais há repetição do advérbio "maybe" (talvez, em português), em interrogativas explícitas, quando no original não há o uso de ponto de interrogação. Vale ressaltar que a repetição era um recurso estilístico de Ernest Hemingway. Lobato reescreveu as sentenças como quem ouviu uma história e a está recontando com "palavras suas" (Lobato, 1955a, p. 127). Do mesmo modo, a opção de traduzir o segundo "look at her" por "olhem-me só aquilo" e a de omitir o trecho seguinte — "he looked at her" — não apenas demonstram a opção pelo abrasileiramento do texto, mas, principalmente, a predominância do estilo próprio do escritor-tradutor. Semelhante procedimento pode ser observado em todo o excerto (observar grifos).

Mendes (2002) cita várias passagens de Adeus às armas (1942), nas quais Lobato realizou intervenções. Um exemplo em que, novamente, prevaleceu o estilo de Lobato é: "[...] and in the fall when the rains came the leaves all fell from the chestnut trees and the branches were bare and the

truncks black with rain" (Hemingway, 1929). Lobato assim traduziu: "[...] e quando chegou o outono as folhas dos castanheiros também caíram e vimos a galhada e os troncos desnudos e enegrecidos pelas chuvas" (Hemingway, 1942). Houve a omissão de "when the rains came". Além disso, as adjetivações ficaram mais longas e conotativas: "desnudos" e "enegrecidos". O tradutor também não observou o estilo de Hemingway, aqui representado pelo recurso da enumeração: "primeiro, vieram as chuvas; depois, caíram as folhas, o que demonstra o efeito das chuvas sobre os galhos e troncos" (Mendes, 2002, p. 48). A narração traduzida, portanto, deixou de apresentar uma gradação dos fatos para apresentar apenas uma constatação do que ocorreu.

As duas traduções analisadas corroboram o projeto ideológico lobatiano de uma renovação literária por meio do contato com literaturas estrangeiras, bem como a busca por uma língua brasileira. Nesse sentido, como observou Mendes, os procedimentos tradutórios de Lobato se aproximavam dos ideais antropofágicos da década de 1922, uma vez que Lobato devorava as culturas estrangeiras utilizando os recursos da língua nacional. Embora o estágio atual do pensamento tradutório privilegie traduções em que o estilo do autor é mantido, as intervenções operadas por Lobato no texto-fonte não devem ser julgadas como falhas. Há que se observar que os procedimentos tradutórios adotados foram modelados pelas necessidades do Brasil da década de 1940, servindo aos propósitos de tal contexto.

Projetando um país diferente a partir da literatura

Monteiro Lobato teve papel fundamental na modernização do mercado editorial brasileiro, bem como exerceu influência na política tradutória do Brasil, tendo publicado e traduzido uma série de escritores estrangeiros, principalmente de língua inglesa, colaborando para que ela fosse promovida como a nova língua de cultura no Brasil. Toda a contribuição de Lobato, tanto como autor quanto editor e tradutor, adveio de sua visão crítica do Brasil como sendo um país atrasado, que deveria desenvolver-se tecnologicamente, ao mesmo tempo em que deveria fortalecer a própria cultura. Em sua prática, Lobato conseguiu dar maior visibilidade à tradução, valorizando não apenas a tarefa, mas também seus realizadores. Seus ideais o levaram a lutar pelas causas brasileiras, desde a necessidade de melhores condições no campo à luta pelo petróleo e siderurgia nacionais em uma época que se dizia não haver petróleo no Brasil. Por conta de suas posições políticas, chegou a ser preso, mas isso não abalou sua crença na possibilidade de um Brasil moderno.

Um novo sistema educativo a partir da literatura

Na percepção da pesquisadora Lia Cupertino Duarte Albino, Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão

Por Patricia Fachin

Divulgação

Ao se deparar com os livros infantis traduzidos e importados de Portugal, Lobato os comparou com pequenas moitas de amoras do mato: "espinhentas e impenetráveis", recorda Lia Cupertino Duarte Albino, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Com a preocupação de disponibilizar aos estudantes, obras mais criativas e percebendo nas crianças um imenso potencial para projetar um novo país, o escritor dedicou-se a produzir livros infantis com boas doses de humor. "Lobato introduz em seus textos inovações como o uso da oralidade, a concepção da linguagem como um elemento lúdico, o que resulta na criação de inúmeros neologismos, a valorização da autonomia da criança e a relativização do maniqueísmo", afirma.

Na ficção lobatiana, explica a pesquisadora, Lobato cria "um sistema educativo cujo ambiente não acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, não retira o aluno do contato com sua família, para colocá-lo em uma sala de aula, em que tudo contraria as experiências por ele já vividas".

Lia é mestre e doutora em Letras, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente, é diretora da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo e docente das Faculdades Integradas de Ourinhos. Sua tese de doutorado, intitulada *Homo risibilis: ensaio sobre o processo de construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato*, analisou a produção do escritor brasileiro. Ela também é autora de *Lobato humorista* (São Paulo: Unesp, 2007).

IHU On-Line – Em que sentido Monteiro Lobato revolucionou a produção infanto-juvenil?

Lia Cupertino Duarte Albino - Até o início do século XX, os textos a que as crianças tinham acesso para leitura no Brasil eram traduções portuguesas de obras européias de circulação irregular e precária no país pelo fato de serem produtos importados. Traduzidos para o Português de Portugal e importados desse país, tais textos apresentavam uma linguagem muito distante daquela vivenciada pela criança brasileira. Lobato percebe o problema ao se deparar, nesse contexto, com a dificuldade de encontrar material de leitura para seus filhos. Isso o faz afirmar, certa vez, que os raros textos aqui existentes eram "pequenas moitas de amoras do mato — espinhentas e impenetráveis".

Além da precariedade do material de leitura existente no Brasil nesse período, os poucos textos que aqui circulavam, tendo a criança como destinatário final, eram produções de caráter flagrantemente pedagógico e moralizador, travestidas de "literatura".

Nesse cenário, Monteiro Lobato surge como escritor e editor. Como empresário do ramo editorial, revoluciona esse mercado quando passa a considerar o livro como uma "mercadoria", um produto que, como qualquer outro, carece de estratégias de produção, divulgação e circulação, visando ao "destinatário" final. Daí a preocupação do editor com a acessibilidade da linguagem dos textos, com a organização tipográfica, com a inclusão de imagens e cores e com as estratégias de marketing. Como escritor, Lobato introduz em seus textos inovações como o uso da oralidade, a concepção da linguagem como um elemento lúdico, o que resulta na criação de inúmeros neologismos, a valorização da autonomia da criança e a relativização do maniqueísmo.

Desse modo, percebe-se seu caráter duplamente revolucionário na produção livresca brasileira, introduzindo inovações tanto na forma como no conteúdo do material produzido.

IHU On-Line - Como se dá a construção do humor nas obras infantis do escritor?

Lia Cupertino Duarte Albino - Lingüisticamente, o humor se constrói a partir do diálogo estabelecido entre dois discursos: um aparente (aquilo que se diz) e outro latente (aquilo que se pretende dizer). Do confronto entre essas duas realidades aparentemente díspares, surge o humor que, manifestado pelo riso, representa um momento de epifania, de recusa da inércia, de rejeição da passividade.

Para perceber o diálogo entre esses dois discursos, é necessário que não se seja um leitor ingênuo, mas capaz de transcender o que está escrito. Monteiro Lobato credita essa capacidade à criança por meio da introdução do humor nos textos a elas destinados.

Para estudar como se processa essa construção do humor nas narrativas infantis lobatianas, dividi, em meu livro, as ocorrências do humor em onze categorias, quais sejam: falas do narrador, linguagem, exploração dos recursos semânticos, nonsense, paródia, comparações, ironia, cômico de situação, inversão/subversão da ordem, grotesco e personagens. É, pois, por meio da utilização desses recursos que o humor é construído por Lobato.

IHU On-Line – De que maneira o humor e a ambigüidade se tornam presentes nas críticas do autor à sociedade da época?

Lia Cupertino Duarte Albino - Tendo em vista o fato de o humor ser construído lingüisticamente a partir do diálogo entre dois discursos, a ambigüidade torna-se fator determinante nas produções humorísticas. É por meio dessa ambigüidade que o discurso latente se manifesta, tornando o humor um elemento socialmente perigoso. Ao confrontar dois discursos aparentemente discordantes, o humor torna-se revelador da essência, um elemento crítico e oposicionista, propondo a contestação e o ataque à censura. Nesse sentido, o uso do humor possibilita um campo profícuo para a crítica à sociedade.

IHU On-Line - Personagens lobatianos como Emília, Pedrinho e Narizinho são revolucionários para discutir e questionar os valores impostos na época, principalmente no que se refere à educação?

Lia Cupertino Duarte Albino - O início do século XX no Brasil caracteriza-se pela democratização do ensino e a valorização da escola como meio de ascensão social. Vivendo nesse contexto, Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão, tendo como projeto definido prepará-la para que pudesse construir um Brasil melhor.

Desse modo, ensino e literatura se interpenetram de diversos modos nesse período, o que faz de Lobato um homem que, vivendo em uma sociedade marcada por um comprometimento incipiente com o conhecimento e o estudo da ciência e da tecnologia, quisesse dar sua contribuição para alterar esse *statu quo*.

No entanto, sua concepção de educação não se limitava ao saber acumulado, cientificamente organizado e estruturado de modo lógico pelo professor. Partidário dos pressupostos da Escola Nova, segundo os quais as instituições educacionais deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimentos e se tornar pequenas comunidades, valorizando o diálogo, a observação, a vivência e a experimentação, Lobato se vale de elementos formais de uma literatura capaz de transcender o simplesmente pedagógico e a intenção didática.

Com isso, o autor cria, em sua ficção, um sistema educativo cujo ambiente não acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, não retira o aluno do contato com sua família, para colocá-lo em uma sala de aula, em que tudo contraria as experiências por ele já vividas. Opondo-se ao sistema de estruturação claustral, o espaço privilegiado por Lobato é o sítio e seus arredores, local em que, ao invés de uma hierarquia social na qual os ouvintes são igualados na impotência, as crianças, representadas por Pedrinho, Narizinho e Emília, têm direito à voz e ao questionamento do que é transmitido, postura que subverte os valores impostos pela educação da época.

IHU On-Line – Os personagens de Monteiro Lobato dialogam entre a cultura erudita e a popular. De que

maneira a linguagem apresentada por ele, cria um equilíbrio entre o erudito e o popular?

Lia Cupertino Duarte Albino - Um dos recursos que possibilita esse equilíbrio é o humor que permite livremente a transposição das séries: variante culta e popular. Em muitos momentos, mais do que a troca de uma pela outra, o que se observa nas obras lobatianas é a junção das duas séries dentro de um mesmo contexto. Tal junção se torna exeqüível graças ao efeito cômico por ela criado.

Contrariando o padrão oficial, a utilização de expressões de cunho popular representa uma espécie de triunfo, uma libertação temporária da norma vigente, uma abolição provisória das relações hierárquicas e das regras, possibilitando um tipo particular de comunicação, inconcebível em contextos formais.

IHU On-Line - É possível traçar uma identidade brasileira a partir dos personagens de Lobato?

Lia Cupertino Duarte Albino - No livro *Idéias de Jeca Tatu*, Lobato diz que: "em nada se estampa melhor a alma de uma nação do que na obra de seus caricaturistas. Parece que o modo de pensar coletivo tem seu resumo nessa forma de riso". Com base nessa citação, acredito ser possível dizer que essa identidade brasileira foi traçada pelo autor por meio da revelação da essência do povo brasileiro, revelação propiciada pela utilização inteligente do recurso humorístico como elemento de construção literária.

IHU On-Line - Como o *Sítio do Picapau Amarelo* dialoga com outras obras, principalmente as estrangeiras, fontes de inspiração para Lobato?

Lia Cupertino Duarte Albino - Penso que esse diálogo se estabelece de duas maneiras: do ponto de vista formal e em relação ao conteúdo das obras que têm o sítio como cenário.

Em relação à forma, é sabido que Lobato era leitor dos fabulistas clássicos Esopo e La Fontaine, de Lewis Carroll, de Carlo Collodi, de J. M. Barrie, de L. Frank Baum, de Wilhelm Busch, de Cervantes, de Mark Twain e muitos outros escritores, e não se pode negar as influências dessas leituras na produção literária lobatiana.

No que se refere ao conteúdo, observamos a inclusão, no universo ficcional do Sítio, de personagens provenientes dos contos de fada; de desenhos animados, como Popeye e o Gato Félix; do cinema, como Shirley Temple; de outras obras literárias, como *Pinóquio*, *Dom Quixote*, *Peter Pan* e *Alice*, que participam de muitas aventuras juntamente com as personagens do sítio, criando uma amálgama perfeitamente harmoniosa.

> **"O Sítio é um reino de liberdade e encantamento, governado por Dona Benta, uma rainha democrática que permite liberdade absoluta aos seus súditos. Prova dessa liberdade é a irreverência de Emília, porta-voz de Lobato"**

IHU On-Line - O que os personagens do escritor revelam sobre sua maneira de analisar o mundo e em especial, o Brasil?

Lia Cupertino Duarte Albino - O Sítio é um reino de liberdade e encantamento, governado por Dona Benta, uma rainha democrática que permite liberdade absoluta aos seus súditos. Prova dessa liberdade é a irreverência de Emília, porta-voz de Lobato. Com a mesma autonomia intelectual e independência de personalidade que caracterizavam o escritor, a boneca esperta, voluntariosa e atrevida, é a imagem do indivíduo empreendedor e apto a vencer em um mundo marcado pela competitividade. Pedrinho e Narizinho são as crianças do sítio e encarnam a concepção de infância do autor, marcada pela autonomia e pela liberdade. Visconde, personificação do saber científico, é personagem ambivalente cuja construção ora valoriza, ora satiriza o conhecimento acadêmico sistemático. E Tia Nastácia, representante do povo brasileiro, é a personagem que possibilita ao autor a valorização de nossa cultura, nosso folclore e nossa identidade enquanto nação.

IHU On-Line - A senhora disse que Monteiro Lobato tenta, através de sua obra, modificar a percepção de mundo e emancipar seus leitores. Como percebe esse fenômeno nas obras do escritor?

Lia Cupertino Duarte Albino - Vou me permitir responder a essa questão com um fragmento de *Memórias de Emília*. Filosofando sobre a vida, a boneca diz ao Visconde: "A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscados. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre. — E depois que morre? — perguntou o Visconde. — Depois que morre, vira hipótese".

É justamente essa liberdade proporcionada ao leitor, a possibilidade de se ter possibilidades, de aventar hipóteses, o que torna a obra de Lobato tão rica. Isso só ocorre porque Lobato concebe a literatura para crianças como Literatura sem qualquer tipo de adjetivo. Ou seja, concebe o texto literário como uma imagem simbólica, capaz de assinalar as contradições, a multiplicidade de visões, os vazios de um discurso que não se fecha em si mesmo. Desse modo, o texto lobatiano possibilita, de modo prazeroso e não-dogmático, o exercício da reflexão, da contestação e da capacidade de penetrar nas tensões dialéticas, contribuindo assim para a emancipação de seus leitores.

Lobato, formador de uma infância pensante e culta

Para Maria Clara Bingemer, Lobato "presta um enorme serviço à infância": suas obras instigam e desafiam o pensamento infantil, estimulam a imaginação e a fantasia criadora da criança

Por Eliana Yunes

"Lobato é o formador de uma infância pensante e culta, que ama a leitura e faz do livro sua casa." Com essas palavras, a professora Maria Clara Bingemer, doutora em Teologia e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), resume bem a sua própria experiência como leitora de Lobato na infância. Nas respostas à entrevista concedida à professora Eliana Yunes, doutora em Literatura e vice-decana de Desenvolvimento do mesmo Centro, Maria Clara mostra o encantamento que os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* lhe provocaram e como foram importantes para sua futura formação teológica. "Foi Lobato que me abriu o mundo da mitologia grega que depois fui estudar. Certamente foi um antecedente importante na minha futura decisão de fazer teologia", considera. Além disso, apresenta uma visão atualizada sobre as acusações sofridas por Monteiro Lobato por parte da Igreja.

Maria Clara é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia, pela PUC-Rio, e doutora em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Entre suas obras, destacamos *Simone Weil — A força e a fraqueza do amor* (Rio de Janeiro: Rocco, 2007). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.

IHU On-Line – Entre as obras de Lobato que a senhora leu, o que se tornou efetivamente marcante?

Maria Clara Bingemer - Todo o mundo encantado que ele cria. A personagem de Narizinho me marcou muito, em termos de identificação. Eu não era como ela; sempre fui uma criança dócil, filha única e mimada. Mas aquela menina que sabia tanto e falava como adulta me encantava. Talvez eu desejasse ser como ela e não tivesse coragem. Sim, acho que era isso. Mas meu ídolo era a Emília. Eu a achava genial: inteligente, engraçada. Jamais a olhei como boneca, mas sim como gente e mais que gente.

Uma das histórias de Emilia que mais amei foi a dos doze trabalhos de Hércules, quando ela se apaixona por ele e lhe dá um apelido carinhoso: Lelé. Aquilo é delicioso, porque ela o ajuda nos seus trabalhos. Quando ele está perdendo a força, ela grita para ele levantar as pessoas do solo, desligando-as assim da fonte de energia e tornando-as mais indefesas. Depois, a acidez dos comentários dela, de suas críticas, ásperas e certeiras, indo direto ao ponto. É uma criação genial. Além disso, foi Lobato que me abriu o mundo da mitologia grega que depois fui estudar. Certamente, foi um antecedente importante na minha futura decisão de fazer teologia.

IHU On-Line – Sendo uma teóloga, que efeitos mais positivos você vê na experiência do *Sítio do Picapau Amarelo*?

Maria Clara Bingemer - Vejo o respeito pela fantasia e pela imaginação das crianças e dos adultos. Vejo o dialogo entre gerações acontecendo, e o amor pelo estudo e pela cultura também. Apesar de Lobato não ser propriamente uma pessoa religiosa, acho que é profundamente ético. Dona Benta tem diálogos com seus netos que são de alto teor ético, e, apesar de ser porta-voz de Lobato em termos de seu anti-clericalismo, inclusive com críticas à igreja como instituição, tem um profundo respeito pelo ser humano e seus ideais. O livro sobre Dom Quixote, por exemplo, é comovente: descreve o Fidalgo com toda a sua nobreza e sua fragilidade propondo-o aos leitores como paradigma de comportamento digno, ético e idealista. Na verdade a transcendência em Lobato passa mais pela ética, pelos valores, pelo senso de realidade e a necessidade de atuar no mundo para fazê-lo mais justo e mais humano. A comunidade do *Sítio do Picapau Amarelo* é um pouco uma utopia que descreve uma cidade ideal, onde as pessoas se respeitam, partilham conhecimento e abrem caminho umas para as outras.

IHU On-Line – Lobato pode ser toma-

"Antes do Concílio Vaticano II, existia na Igreja o famoso 'index' com uma lista de livros que os católicos não deveriam ler. Monteiro Lobato certamente estaria entre estes"

do como um "desencaminhador da infância"?

Maria Clara Bingemer - De forma alguma. Lobato presta um enorme serviço à infância, que é fazê-la pensar. Na era da televisão e da internet, da lei do menor esforço, quando as crianças recebem tudo mastigado, passam a vida diante de joguinhos eletrônicos violentos e emburrecedores, e apertam botões e dão clicks para conseguirem o que desejam, a prosa instigante de Lobato é um santo remédio para desafiar o pensamento, a imaginação, a fantasia criadora da criança. Por exemplo, o livro *Viagem ao céu* de certa maneira é pioneiro daquilo que os astronautas na virada da década de 1960 para 70 conseguiram: habitar o espaço, pisar na lua. A tudo isso Lobato se antecipou e seus leitores puderam saborear essas excitantes experiências antes que a ciência as socializasse para o mundo inteiro. Acho que Lobato é o formador de uma infância pensante e culta, que ama a leitura e faz do livro sua casa.

IHU On-Line - Quais as motivações do padre Salles Brasil para atacar Lobato com o referendum da Igreja?

Maria Clara Bingemer - O padre Salles Brasil, como todo eclesiástico de sua época, ou seja, antes do Concílio Vaticano II, vê em Monteiro Lobato uma perniciosa influência, sobretudo para o público infantil, por achar serem suas idéias e sua literatura materialista, negando o princípio transcendente da realidade e inclusive pregando um comunismo prático para as crianças, com o pouco respeito à autoridade, às pessoas idosas, à propriedade privada etc. Tudo isso era considerado muito perigoso pela Igreja daquele tempo, pelo menos por um determinado segmento — grande e importante — da mesma Igreja.

Na verdade, padre Salles Brasil é porta-voz de toda uma corrente que via em idéias como as de Lobato um grande perigo para as coisas que formam o chão da vida regida pelo sistema capitalista: a tradição, a família e a propriedade. É bom lembrar que antes do Concílio Vaticano II existia na Igreja o famoso "index" com uma lista de livros que os católicos não deveriam ler. Monteiro Lobato certamente estaria entre estes.

IHU On-Line - Você conhece alguma revisão feita pela Igreja ou pela Companhia de Jesus (já que o Pe. Salles Brasil era um jesuíta) das acusações impostas a Lobato?

Maria Clara Bingemer - Não conheço. Porém, creio que seria difícil hoje algum jesuíta referendar as afirmações do padre Salles Brasil sobre Lobato. Justamente a Companhia de Jesus, em suas últimas congregações gerais, tem defendido bastante a pluralidade cultural e religiosa e a liberdade de pensamento, assim como o apostolado dos jesuítas nas universidades, espaços de liberdade e pluralismo.

Leia mais...

Maria Clara Bingemer já concedeu outras entrevista à **IHU On-Line**. Confira o material na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

- *Os jesuítas e a expansão da cultura moderna*. Edição número 183, de 05-06-2006, intitulada *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*;
- *"Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso"*. Edição número 220, de 21-05-2007, intitulada *O futuro da autonomia, uma sociedade de indivíduos?*
- *"O documento (de Aparecida) não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellin e Puebla"*. Edição 224, de 20-07-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*;
- *Simone Weil: um pensamento que atinge a raiz das coisas*. Edição número 243, de 12-11-2007, intitulada *História em Quadrinhos*;
- *A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia*. Edição número 251, de 17-03-2008, intitulada *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*.

ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA DA REVISTA IHU ON-LINE WWW.UNISINOS.BR/IHU

Fantasia e Filosofia: uma estrada diferente ou um diálogo estranho?

O diálogo abaixo entre a boneca Emília e o sabugo Visconde é um trecho da tese de André Moura,[1] pesquisador da Cátedra Unesco de Leitura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Sua pesquisa de doutorado investiga as relações existentes entre a filosofia e a literatura de fantasia, especialmente na obra infantil de Monteiro Lobato. Essa homenagem ao universo *do Sítio do Picapau Amarelo* não pode ser encontrada em nenhum dos livros de Lobato, mas traduz com êxito o dialogismo que costura as aventuras protagonizadas pelos "picapauzinhos". A narrativa lobatiana concilia opostos, para redescobri-los não tão contrários assim, em uma clave polifônica que põe em xeque qualquer tentativa de compreensão monolítica e endógena da cultura, da ciência e da experiência humana como um todo.

André Moura é formado em Biologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e mestre em Letras, pela mesma universidade. Em seguida, confira outro diálogo entre os pesquisadores André Moura e Thatty Castello Branco, referente à obra lobatiana.

Como o calor da segunda quinzena de dezembro já havia começado, pondo por terra qualquer esperança de atividade prolongada, Emília e Visconde se deitaram para um banho de sol, certas vezes comendo calmamente uma fruta ou tomando um suco gelado, mas na maior parte das vezes, lagarteando. Vez ou outra, um fiapo de idéias poderia se distinguir dos seus derretidos fluxos de consciência — evidentemente resultado de algum relaxamento momentâneo. Foi durante um destes breves momentos que eles se voltaram para a Filosofia, para discutirem questões filosóficas que sempre tiveram um efeito estimulante sobre os dois.

Visconde: Emília, eu acho que a Fantasia e a Filosofia têm algo em comum.

Emília (duvidando): É mesmo, Visconde? Eu acho que você está fazendo uma danada de uma confusão com todos estes livros que você tem lido das prateleiras. Lido? Às vezes eu acho que você tem é "comido eles". Mas tudo bem, eu quero ouvir o que está na sua mente bolorenta. Comece com o seu ponto de vista. Qual o tipo de Fantasia vai ser o ponto de partida?

Visconde: Eu acho que vale a pena comparar alguns mundos paralelos, porque eu realmente acho que esta é a chave para compreender as obras destes autores...

Emília (interrompendo): Ei, ei, espere um segundo, parem as máquinas! Que autores? Eu perdi alguma coisa?

Visconde: Oh, desculpe, você tem razão, você sabe, às vezes eu me esqueço que as pessoas não podem ler a minha mente. Alguns autores que criaram mundos alternativos, mundos paralelos, que estão definitivamente conectados com os "mundos primários". Lewis Carroll, com *Alice e o país das maravilhas*, L.F. Baum,[2] com Dorothy e Oz, C.S. Lewis e sua turma de Nárnia;

Emília (interrompendo de novo): Lobato e a mais maravilhosa boneca do mundo, Emília, euzinha, eu mesma, Astrid Lindgren[3] e…

Visconde (bravo): Você tem certeza de quer um diálogo?

Emília (resmungando): Hmmm. Só queria ajudar… Também me lembrei de Astrid Lindgren, mãe da minha querida amiga Píppi, emilíssima como eu, outra menina da pá virada, como a Rãzinha…

Visconde: Tentando seguir de onde eu parei, acho que é possível comparar alguns mundos secundários, pois eu realmente creio que esta é a chave para a compreensão do trabalho destes autores. Na minha opinião, eles não são apenas criadores de fantasia, não são apenas "fantasistas". São críticos da realidade, são filósofos, são pensadores. Eles usavam a fantasia como um modo de alcançar, apreender, pensar o universo que os circundava. A fantasia como uma ferramenta ontológica e epistemológica. É o que pretendo investigar.

Emília: Bem, deixe-me ver se eu entendi bem… Você está sugerindo a fantasia como uma ferramenta filosófica, certo? Então o seu enfoque faz da fantasia uma literatura utilitária, com um propósito específico, bem como a partir de um ponto de vista didático, didatizante, ou como aquelas histórias com moralidades, purgantes em embalagens de livro… E como é que fica o prazer estético, para usar um conceito barthesiano, a fruição da Fantasia?

Visconde: No meu ponto de vista, tais enfoques não são excludentes. Poderíamos pensar em camadas de interpretação,

1 MOURA, André Muniz de. *Diálogos entre fantasia e filosofia: o Sítio do Picapau Amarelo como ágora brasileira* (Título provisório). Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, PUC-Rio. Pesquisa em andamento. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Lyman Frank Baum** (1856-1919): escritor e teosofista norte-americano. Foi criador de um dos mais populares livros jamais escritos na literatura americana infantil, *O mágico de Oz*. Em 1897, tornou-se membro da Sociedade Teosófica, incorporando freqüentemente em seus livros temas e símbolos desta doutrina. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Astrid Anna Emilia Lindgren**, ex-Ericsson, (1907-2002): autora sueca de literatura infantil, com livros traduzidos em 85 idiomas em mais de 100 países. (Nota da **IHU On-Line**)

assim como camadas de leitura. Por exemplo, podemos ouvir uma canção sem pensar nas letras ou podemos focar a atenção apenas no que o letrista quis dizer e, ainda, podemos dançar sem atentar para letra ou música... Você está me acompanhando?

Emília (bocejando): Sim, estou, mas acho que você está tomando a trilha errada... Mas eu quase concordo com você. Você quer dizer que é possível pensar e dançar, não é isso?

Visconde: Sim, mas, como eu disse, não são dimensões excludentes. Podemos pensar que se pode ler em uma vereda muito presa ao enredo enquanto que outros podem descolar, em uma interpretação da realidade que tenha um viés filosófico...

Emília: Bom, muito bom, bisótimo você ter mencionado "viés filosófico"... Nós temos séculos e séculos de filosofia. Qual será o seu viés, o seu convés filosófico, Sr. Sábio Sabugo Sabichão de uma figa? Qual barca vai tomar nesta viagem tão especial? A de Gleyre...**(mal segurando o riso)**

Visconde: Bem... bem... Devo confesso que agora você me pegou, sua danadinha! Mas me vejo tentado a pensar que a chave então esteja nos filósofos anteriores a Platão e Aristóteles, nos pré-socráticos. Antes dos filósofos separarem *mimesis* e *poiesis*, *mythos* e *logos*... Ainda estou refletindo, mas é certo que a civilização ocidental transformou realidade e fantasia em opostos. Suspeito que tenham se perdido, e costumavam andar juntas, ou trabalharem juntas. Como Kathryn Hume afirma em seu livro *Fantasy and mimesis*, são pontas separadas de algo contínuo. As relações entre fantasia e ontologia podem ser muito interessantes! Jill Patton Walsh salienta que "uma obra de fantasia compele o leitor a um estado metafórico da mente. Uma obra realista, por outro lado, permite leituras muito literais... Ou mesmo pior, é possível chegar ao cúmulo de ler uma obra realista como se ela não fosse uma obra de ficção!!".

Emília (com dificuldade paa manter os olhos abertos): Idéias interessanteszzzzzzz...

Visconde: Ainda de acordo com Kathryn Hume, e falando de Filosofia, parece água para meus lábios sedentos quando ela afirma que "os filósofos clássicos abriram um rombo na consciência crítica ocidental quando eles estabelecem sua atitude negativa acerca de sua tradição mitológica, que foi fortalecida com mudanças culturais, levando a um descrédito generalizado da fantasia". Também gostaria de citar Paul Ricoeur,[4] em seu livro *A metáfora viva*: "A metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade". E também J. R. R. Tolkien,[5] em seu ensaio seminal, "On fairy-stories", no qual ele formula que "A fantasia é uma atividade humana natural. Ela certamente não destrói ou mesmo insulta a razão." E ele prossegue, com uma das minhas frases favoritas: "quanto mais precisa e clara for a razão, melhor a fantasia irá torná-la".

Neste instante, Emília se levanta para pegar algo para beber. Ela deixa Visconde sozinho, mas ele nem percebe.

Visconde: Percebo que há muitas coisas sobre fantasia e Filosofia, mas as conexões ainda não estão totalmente claras para mim. Recordo de muitas coisas que li como Eric Rabkin, por exemplo: "a imaginação fantástica é um significante modo de conhecimento humano". Acho que já li análises que articulam Andersen[6] e Kierkegaard,[7] Nietzsche e Lobato, J.K. Rowland e Hume[8]... Se estes autores tiveram uma formação filosófica, ou mesmo interesse em leituras filosóficas, então talvez suas leituras tenham influenciado seus próprios textos *own writings*. A filosofia influenciando fantasias filosóficas... Ursula Le Guin[9] e o Taoísmo é um bom exemplo. E nós, Emília, fomos objetos de uma análise que utilizou os conceitos das pulsões apolínea e dionisíaca abordados n'*A origem da tragédia* ou *Helenismo e pessimismo*, de Friedrich Nietzsche. Você se lembra quando fomos ao Rio de Janeiro?

Foi então que o sabugo percebeu que a boneca não mais estava.

Visconde (irritado): Ei, Emília, Emília! Você me deixou falando sozinho!

Emília (sentando-se novamente): Calma, estou de volta! Olha, sei muito bem que certos críticos geralmente acusam a fantasia de escapismo, não é verdade? Bem, eu escapei do seu interminável papo de fantasia... **(Gargalhando sozinha)**

Visconde (sério): Emília, que péssimo comportamento! Olha, eu já ia encerrar esta minha reflexão, mas já que percebi que você não está gostando e, mais importante, que você não está me respeitando, estava eu pensando: Será que deveria puni-la com mais duas horas de explanação?
Emília fica louca de raiva e foge dele, deixando Visconde sozinho. Ela grita para ele, dizendo que tem coisas melhores com que se preocupar, por exemplo, ela precisa ficar lagarteando perto do ribeirão, pois Píppi Meialonga virá ao Sítio. E é claro que a boneca quer matar a menina sueca de inveja do seu bronzeado.

O olhar de Lobato sobre o Brasil

Thaty Castelo Branco também analisa os diálogos entre

4 **Paul Ricoeur** (1913-2005): um dos grandes filósofos e pensadores franceses do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. (Nota da **IHU On-Line**)
5 **John Ronald Reuel Tolkien** (1892-1973): escritor, professor universitário e filólogo britânico. (Nota da **IHU On-Line**)
6 **Hans Christian Andersen** (1805-1875): poeta e escritor dinamarquês de histórias infantis. (Nota da **IHU On-Line**)
7 **Soren Aabye Kierkegaard** (1813-1855): teólogo e filósofo dinamarquês do século XIX, que é conhecido por ser o "pai do existencialismo", embora algumas novas pesquisas mostrem que isso pode ser uma conexão mais difícil do que fora, previamente, pensado. (Nota da **IHU On-Line**)
8 **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês. Foi, juntamente com Adam Smith e Thomas Reid, entre outros, uma das figuras mais importantes do chamado iluminismo escocês. (Nota da **IHU On-Line**)
9 **Ursula Kroeber Le Guin** (1929): escritora americana. Tem escrito novelas, poesias, livros infantis, ensaios, e histórias curtas, sobretudo nos gêneros de fantasia e ficção científica. (Nota da **IHU On-Line**)

as personagens de Lobato. Para a pesquisadora da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, todas as formas de saber o mundo — das mais científicas às mais fantásticas se unem no *Sítio* para conduzir o leitor à aventura do conhecimento. Em sua dissertação sobre o diálogo entre o maravilhoso e o fantástico na literatura infantil de Monteiro Lobato[10], a autora destaca que "Lobato soube devorar (como o Visconde de Sabugosa devorou os livros de Dona Benta) o que havia de mais poderoso nas culturas estrangeiras e trazê-lo para a literatura brasileira".

Confira a seguir o diálogo entre os pesquisadores André Moura e Thaty Castelo Branco sobre a obra lobatiana, e as percepções do autor sobre o Brasil.

Thaty Castelo Branco é formada em Direito, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Letras, pela mesma universidade. Também é mestre em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Thaty Castelo Branco - O *Sítio* foi um altar de rituais de antropofagia, na acepção oswaldiana do termo, já muito antes de as nossas vanguardas organizarem a idéia em manifesto.

André Moura - Muito pertinente sua formulação, Thatty. É bom que atentemos para uma revisão do lugar que Lobato tem ocupado nos estudos de historiografia literária. Trata-se, em verdade, de um indivíduo que não pode ser rotulado meramente como "pré-modernista" ou avesso às vanguardas, com repulsa ao novo. Sua atuação multifacetada nos deixou um legado muito profundo e complexo. Considero que Lobato era um pensador do Brasil, que criticava através de sua criação diversas áreas do conhecimento, aliando, a um só tempo, *praxis* e *poiesis*.

Thaty Castelo Branco - Podemos refletir se uma revisão da recepção da obra lobatiana começa a se desenhar. Neste ano em que se completam 60 anos da morte do escritor, temos o relançamento, em novo selo editorial, de toda sua obra, e não apenas de literatura infantil. Vejamos a vasta produção de artigos, resenhas, seminários, cursos sobre Monteiro Lobato. É significativo esse interesse em reencontrar o autor de *Negrinha* no ano da eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América. Num tempo em que o petróleo é motivo de orgulho para a economia brasileira. Mais do que nunca, precisamos de intelectuais que, no dizer popular, metam as mãos na massa.

André Moura - Mais do que visionário, Lobato soube ler a sociedade americana em profundidade. Poderíamos até brincar, afirmando que ele mesmo teria utilizado o porviroscópio (artefato que permitia ver o futuro, criado pela personagem Professor Benson em *O presidente negro ou o choque das raças*). Em 1926, foi capaz de criar Jim Roy, o suposto 88º presidente dos Estados Unidos no então distante ano de 2228. Trata-se de um livro que aborda uma miríade de temas, muitos característicos da época e ainda de grande relevância, como o darwinismo social, a eugenia e a emancipação política da mulher. Mas, na realidade, não é um exercício de futurologia, é tão-somente o olhar arguto de um pensamento crítico que antecipa os fatos vindouros como natural conseqüência dos acontecimentos. Enxergar o futuro é ler o presente nas entrelinhas. Lobato não via a arte, a literatura como uma dimensão apartada da vida, da sociedade. Ele alinhava o sonho e a ação. Para ele, o escritor não poderia ficar confinado em torres de marfim. Seu engajamento se fazia sem se filiar a nenhum partido político, seus textos não eram panfletários, ainda que defendessem certas causas importantes, e, como vemos hoje, tão caras ao país. Um exemplo é a questão do petróleo, que foi uma luta que ele levou ao limite, resultando em sua prisão. Recentemente, com a autonomia e com a descoberta da jazida na camada pré-sal, já se vislumbra a possibilidade do país passar a exportar petróleo.

Thaty Castelo Branco – Penso que Monteiro Lobato tinha um projeto de Brasil. Ao lado de suas lutas pelo petróleo e pelo ferro, concluiu que era necessário recomeçar pelas crianças. Sendo elas a certeza do futuro, a semeadura de inteligência, de cultura e de amplitude de pensamento, tinha que começar por elas. Para isso, construiu para elas uma literatura infantil brasileiríssima sem abrir mão das preciosidades de outras culturas: ao contrário, soube devorar (como o Visconde de Sabugosa devorou os livros de D. Benta) o que havia de mais poderoso nas culturas estrangeiras e trazê-lo para a sua literatura de brasileiro. Certamente motivado por seu célebre engajamento, Lobato criou uma literatura infantil onde crianças brasileiras ficcionais e personagens de nosso folclore convivem em situação de igualdade com os personagens mais célebres da cultura universal, isto é, em relação de profunda afetividade e cumplicidade, mas sem a reverência obtusa que impede novas formas de ser, de pensar e de criar. O projeto de Lobato era fazer das crianças leitoras do mundo.

Como nos mostram os dois diálogos que homenageiam o criador do Jeca Tatu, Monteiro Lobato foi um brasileiro que sempre primou pelo diálogo, quer seja este do campo com a cidade; da criança com o adulto; do passado com o futuro; do Brasil com os Estados Unidos, e também com a Argentina; do moderno com a tradição; das idéias com a ação; do texto com o leitor. Ler Lobato no século XXI, refletir sobre suas idéias e ideais, é rediscutir o país e construir novos caminhos, tendo o seu legado como ponto de partida.

10 CASTELLO BRANCO, Thatty de Aguiar. *O Maravilhoso e o Fantástico na Literatura Infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, PUC-Rio, 2007.

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**

B.

Destaques da Semana

Teologia Pública

"O ser humano não necessita de melhora, mas de perdão"

Para o teólogo alemão Ulrich Körtner, os textos bíblicos devem ser submetidos a uma crítica histórica

Por Graziela Wolfart

Ulrich Körtner, professor titular da Universidade de Viena (Áustria), é um dos mais renomados teólogos protestantes alemães da atualidade na área da teologia sistemática, especialmente hermenêutica e ética, com vasta bibliografia. No último mês de setembro, ele fez sua primeira visita ao Brasil, quando proferiu uma série de palestras nas Faculdades EST (Escola Superior de Teologia), sobre o tema *Dogmática como exegese conseqüente? Da relevância da exegese para a teologia sistemática na esteira de Rudolf Bultmann*. Na ocasião, também proferiu um curso intensivo sobre hermenêutica teológica no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST. Seu livro sobre o mesmo assunto está sendo traduzido e será publicado pela Editora Sinodal em 2009. Körtner, além disso, escreveu, com Reiner Anselm, o livro *A polêmica da biomedicina*, publicado em português pela Editora Loyola, em 2007. Em 2002, foi premiado como "cientista do ano de 2001" pelo clube dos jornalistas de educação e ciência.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Körtner faz uma análise do Jesus histórico, baseado em diversos autores, principalmente em Rudolf Bultmann. Para o teólogo alemão, "as diversificadas interpretações bíblicas da figura de Jesus devem ser confrontadas criticamente entre si. Também não basta a referência ao puro fato de que Jesus de Nazaré existiu, mas também deve ser levantada a questão sobre como e o que é proposto em torno de seu anúncio e seu caminho de vida". Sobre a importância de Bultmann, Körtner reconhece o quão fortemente ele influenciou a discussão filosófica de seu tempo. E lamenta que "hoje, infelizmente, não se pode dizer isso da teologia".

IHU On-Line - Se o Jesus "histórico" não é atingível, porque encoberto pelas expansões da fé das primeiras comunidades cristãs, então também não necessitamos de suas descrições histórico-científicas para crer. Com o Jesus da história assim relativizado, Bultmann coloca todo o peso existencial no Cristo da fé. Que contribuições e limitações esta divisão trouxe para a teologia sistemática?

Ulrich Körtner - Bultmann[1] reagiu à primeira fase da pesquisa sobre a vida de Jesus, que se encerrou com a *História da pesquisa sobre a vida de Jesus* (1906, 2. ed. 1913), de Albert Schweitzer.[2] O que Schweitzer constatou para a literatura sobre a vida de Jesus desde o Iluminismo (*Aufklärung*) também vale para a literatura atual sobre Jesus: ela nos revela mais sobre os interesses dos autores modernos que sobre o próprio Jesus. Já Gotthold Ephraim Lessing[3] formulara a concepção de que verdades históricas casuais não ofere-

1 **Rudolf Karl Bultmann** (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade, tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e sua obra mais famosa foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 06-09-2004, publicamos, na editoria Teologia Pública, um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélio Schneider e Johan Konings. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Albert Schweitzer (1875-1965):** teólogo, músico, filósofo e médico alsaciano. Formou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Strasbourg, onde atuou como docente. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1952. (Nota da ***IHU On-Line***)

3 **Gotthold Ephraim Lessing** (1729-1781): filósofo e escritor alemão. Considerado um dos maiores escritores alemães do século XVIII, é um autor de extrema importância para o neoclassicismo de Goethe, Schiller, Alfieri e Chénier. (Nota da **IHU On-Line**)

cem base suficiente para verdades universais da razão. A certeza da fé não pode tornar-se dependente dos dados oscilantes da pesquisa histórica. Bultmann argumenta de forma claramente teológica, apoiando-se fortemente em Paulo.[4] Este escreve que não precisamos conhecer o Cristo segundo a carne (em grego: *katá sárka*), para crer no Filho de Deus, em sua ação salvífica e em sua ressurreição (2 Cor 5,16). Dito de outra maneira: o significado salvífico de Jesus, de sua vida e de sua morte, não se revela através da pesquisa histórica. Além disso, Bultmann levou a sério o conhecimento de que Jesus era judeu. Como tal, ele integra os pressupostos do cristianismo, não fazendo parte deste próprio. O cristianismo surge no momento em que o proclamador se torna o proclamado. Não obstante, Bultmann não deixou de se interessar pela mensagem do Jesus histórico, como demonstra seu famoso livro sobre Jesus, publicado em 1926.

IHU On-Line - Podemos afirmar que uma cristologia querigmática pode substituir o "Jesus histórico"?

Ulrich Körtner - Martin Kähler[5] já tinha feito sagaz crítica dos problemas inerentes à pesquisa sobre Jesus e defendeu a tese de que o verdadeiro Jesus histórico não era outro senão o Cristo bíblico dos Evangelhos. Por vezes se interpretou Bultmann nesta linha da tradição. Entretanto, mais do que Bultmann, quem deu continuidade à orientação de Kähler foi seu discípulo Paul Tillich[6] (1886-1965). Em Bultmann, a proclamação, o querigma, concentra-se totalmente no apelo à fé e no apelo à decisão de uma existência na fé. Esta compreensão pontual da fé é mais fortemente influenciada por Kierkegaard[7] do que por Kähler. Em contraste, pode-se argumentar com Paul Ricoeur[8] que não é função da hermenêutica – podemos completar: nem da proclamação cristã – despertar uma decisão imediata do leitor ou do ouvinte, mas deixar que se desenvolva o mundo do ser (*Seinswelt*), o qual ocupa o centro de interesses dos textos bíblicos e, com isto, também das narrações neotestamentárias sobre Jesus. Mas não há [como encontrar] nenhum Jesus histórico por trás dos textos bíblicos, e sim a figura histórica de Jesus nos é apresentada no veículo que são esses textos, concebidos na perspectiva da fé pós-pascal. Mesmo assim, os textos bíblicos precisam ser submetidos a uma crítica histórica. As diferentes interpretações bíblicas da figura de Jesus devem ser confrontadas criticamente entre si. Também não basta a referência ao puro "fato de que" Jesus de Nazaré existiu, mas também é preciso perguntar pelo "como" e pelo objeto da sua proclamação e da sua trajetória biográfica.

> **"A fé deve ser diferenciada do mito, porque, como o falar sobre Deus, ela escapa de toda objetivação cosmovisiva"**

IHU On-Line - Bultmann utilizou conceitos da filosofia existencialista e apelou para a profunda experiência da vida humana. Esta teologia não deveria reconquistar a dimensão da cooperação, para tomar decisões essenciais e éticas?

Ulrich Körtner - Bultmann, de fato, assimilou fortemente a filosofia do primeiro Heidegger. Na verdade, Heidegger também foi influenciado por Bultmann. Por sua vez, Bultmann reformulou, por conta própria, a fenomenologia heideggeriana da existência humana e não tornou sua teologia unilateralmente dependente da filosofia de Heidegger. Este, com razão, não concordou com que se designasse sua filosofia como existencialista, como Sartre o fez. Ele antes levantou de maneira nova a pergunta pelo ser, fazendo do ser-pessoa-humana [*das menschliche Sein*], que ele chama de "Dasein" [*existência*], o ponto de partida da sua reflexão. Bultmann viu na filosofia de Heidegger uma possibilidade de reformular as questões ontológicas na teologia, ao mesmo tempo em

4 **Paulo de Tarso** (3-66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, freqüentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso, a **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). A última edição da **IHU On-Line** em 2008, número 286, irá trazer como matéria de capa o pensamento de Paulo de Tarso e sua influência em nossos dias. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Martin Kähler** (1835-1912): teólogo protestante alemão, da área dogmática. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, podem ser consultados *Coragem de ser* (6. ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, poder e justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo quanto aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista "Paulo e Kierkegaard", realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado "Imaginar a paz ou sonhá-la?", publicado na 49ª edição da **IHU On-Line**, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. A edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria **Memória** sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. (Nota da **IHU On-Line**)

que superava a metafísica tradicional, da qual a dogmática tradicional é cativa. Bultmann sempre se posicionou criticamente ante a mesma. A única forma legítima de dogmática foi para ele aquela que, com Eberhard Jüngel,[9] se pode designar como exegese conseqüente[10]. É notável o quanto Bultmann também influenciou a discussão filosófica de seu tempo.

IHU On-Line - Que contribuições o "programa de desmitologização" de Bultmann trouxe para a reflexão teológica?

Ulrich Körtner - O programa da desmitologização é simplesmente o reverso daquilo que Bultmann chamou de interpretação existencial do Novo Testamento. Tomando-o ao pé da letra, para nossa cosmovisão esclarecida, as afirmações mitológicas da Bíblia estão ultrapassadas. Mas, em vez de eliminá-las, Bultmann quer interpretá-las existencialmente, isto é, antropologicamente. A fé deve ser diferenciada do mito, porque, como o falar sobre Deus, ela escapa de toda objetivação cosmovisiva. Como exegeta de formação histórico-crítica, Bultmann se colocava insistentemente a questão sobre o que os textos do Novo Testamento têm a dizer ao homem moderno de nossa era.

IHU On-Line - A teologia de Bultmann continua sendo relevante para o diálogo com a modernidade? Por quê?

Ulrich Körtner - Nos anos 1950 e 60, o programa de desmitologização de Bultmann provocou uma disputa polêmica no seio da Igreja. Círculos conservadores faziam ao teólogo de Marburgo a objeção de abolir a confissão de fé cristã, e até quiseram abrir um processo disciplinar contra ele como docente. Para outros críticos, a modernização bultmanniana da teologia não ia longe o suficiente. A compreensão de Bultmann sobre o mito sofreu críticas de diversos tipos. Mas, embora nas últimas décadas o conceito do mito tenha experimentado uma nova valorização, a teologia de Bultmann nunca deixou de ser atual. Precisamente no confronto com novas formas de religiosidade sincretista e mítica, a crítica de Bultmann sobre o mito deve ser levada novamente em consideração, da mesma forma como seu trato crítico do conceito de religião.

> "Como exegeta de formação histórico-crítica, Bultmann se colocava insistentemente a questão sobre o que os textos do Novo Testamento têm a dizer ao homem moderno de nossa era"

IHU On-Line - Bultmann põe grande ênfase na subjetividade do indivíduo. Que elementos nos ajudam a compreender esta proposta?

Ulrich Körtner - A fé é sempre uma questão sumamente pessoal. Na fé, ninguém pode substituir-me, como tampouco na morte. Ninguém pode crer pelo outro. Mas a fé cristã é também um fenômeno comunitário, porque nela não se trata de uma relação direta com Deus, mas de uma relação historicamente mediada. A fé é despertada pelo querigma, que me atinge a partir de fora. Não posso dizê-lo pessoalmente para mim, e sim preciso deixar que mo comuniquem. Neste sentido, a comunidade de fé, em outras palavras a Igreja, também na concepção de Bultmann, é parte constitutiva do querigma. A concentração de Bultmann na subjetividade da fé não deve ser mal-entendida em sentido individualista. Por outro lado, ela não se esgota num aceitar como verdadeiras certas frases objetivas que a Igreja me prescreve como norma doutrinal, mas consiste em entender de nova forma a si mesmo e a própria existência. Deus, como a realidade que tudo determina, só se revela para nós se aprendermos a entender-nos de maneira nova e específica. Por isso, Bultmann escrevia em 1925: "Caso se queira falar de Deus, ao que tudo indica é preciso falar de si mesmo". Mas para Bultmann também vale o inverso: se quisermos falar de nós mesmos e entender-nos adequadamente, precisamos falar de Deus; e isso, no sentido do Evangelho neotestamentário.

IHU On-Line - Considerando que Gadamer trouxe contribuições ao pensamento de Bultmann, podemos falar de uma complementação da hermenêutica filosófica e teológica?

Ulrich Körtner - Seria melhor falar de um diálogo crítico. A hermenêutica filosófica não supera a teológica, como, inversamente, a hermenêutica teológica tampouco supera a filosófica. O filósofo italiano Gianni Vattimo[11]

9 **Eberhard Jüngel** (1933): teólogo alemão. É professor de filosofia e teologia da religião na Universidade de Tübingen, na Alemanha. (Nota da **IHU On-Line**)

10 No sentido de coerente, sistemática. (Nota do tradutor)

11 **Gianni Vattimo** (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de "pensamento fraco". Concedeu diversas entrevistas à **IHU On-Line**. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, e a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004. A terceira saiu na 121ª edição, de 01-11-2004, e a quarta na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a **IHU On-Line**, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento Metamorfoses da cultura contemporânea. Nessa oportunidade, ele falou sobre *O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo*, publicado na editoria Entrevista da Semana. Também contribuiu com a **IHU On-Line** nº 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, com a entrevista "O nazismo e o 'erro' filosófico de Heidegger". Dele, também publicamos artigos nas edições 53, de 31-03-2003, e 80, de 20-10-2003. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 01-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación* (Barcelona: Paidós, 1995), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

afirma que a hermenêutica moderna, desde Nietzsche e Heidegger, outra coisa não é senão a mensagem cristã desenvolvida e levada à sua maturidade de forma sistemática e coerente. Acontece, porém, que a teologia pergunta pela salvação. Ela é uma interpretação soteriológica ou salvífica da realidade, que interpreta sua carência salvífica a partir da perspectiva da realidade da redenção biblicamente testemunhada. Na medida em que também a hermenêutica moderna se posiciona criticamente ante teorias metafísicas de fundamentação última e seus predicados absolutizados, há um parentesco entre a hermenêutica filosófica e a teologia hermenêutica bultmanniana. Porém, o que separa a hermenêutica moderna da teologia hermenêutica é a doutrina cristã do pecado, que também se externa como pecado em nossa compreensão. Esta doutrina é irrenunciável para a hermenêutica teológica, porque somente por meio dela o ceticismo hermenêutico chega a uma verdadeira compreensão de si próprio.

IHU On-Line - Que hermenêuticas teológicas e éticas uma teologia ecumênica deve considerar?

Ulrich Körtner - A multiplicidade de formas da cristandade é o tema da teologia ecumênica. Em sentido estrito, até se deve falar, no plural, de cristandades diversificadas. Para o diálogo das Igrejas e Confissões, é indispensável uma teoria hermenêutica que não só crie as bases de uma compreensão comum, mas também fomente a compreensão para o eventual entendimento diverso da fé cristã e de sua mensagem. Isto vale tanto para as questões dogmáticas como também para a ética. Diferenças éticas não provêm de concepções diferenciadas da Igreja, do magistério eclesiástico e da tradição eclesial. Prioridade, hoje, é compreender as diferenças fundamentais e suas causas. Neste contexto, falo de uma hermenêutica diferencial que vai atrás da questão de quais diferenças são expressão de uma legítima multiplicidade criada pelo próprio Deus triúno, e quais são conseqüência da culpa e do pecado humano. Que diferenças têm o caráter separador de igrejas, e quais não? A hermenêutica, como teoria da compreensão, não pode, evidentemente, ser concebida como teoria de política eclesiástica, como instrumento para uma questionável política da unidade. Como teoria da compreensão, a hermenêutica deve preservar sua função crítica no diálogo ecumênico. Uma hermenêutica ecumênica não é, no meu entendimento, uma hermenêutica para a unidade, mas uma hermenêutica da diversidade, que tem seu fundamento em Deus como plenitude da vida.

> **"Existe um direito à imperfeição, cujo respeito e defesa é um parâmetro que indica quão humana é uma sociedade"**

IHU On-Line - Quais são os principais desafios éticos no campo da biomedicina?

Ulrich Körtner - Menciono topicamente os problemas éticos da medicina reprodutiva e da genética, e, concretamente, os problemas éticos de testes genéticos e da medicina preditiva, bem como da Public Health Genomics [Genômica da Saúde Pública], além das questões éticas referentes ao fim da vida: renúncia à terapia, declarações de vontade de pacientes e eutanásia. Nos países ricos do Norte, a crescente expectativa de vida também é um tema premente. A participação populacional de pessoas idosas com mais de 80 anos cresce e, com isso, também o número de pessoas que sofrem de demência e outros que necessitam cuidados. De um modo geral, em nível nacional e global, colocam-se prementes questões sobre justiça e tratamento da saúde, isto é, sobre a justa distribuição dos recursos. Do ponto de vista internacional, ainda há uma grande desigualdade entre a onerosa medicina de ponta nos países ricos do "Primeiro Mundo" e os serviços médicos, em parte ainda precários, nos países do "Terceiro Mundo". Menciono apenas o exemplo da Aids. Precisamos desenvolver um novo conceito de justiça, para resolver os problemas da assim chamada alocação, isto é, da distribuição dos recursos na área da saúde.

Nossa concepção do ser humano

Fundamental é, no entanto, em todos os problemas de ética médica, a questão sobre nossa concepção do ser humano, sobre nossos conceitos de doença e saúde, de incapacidade, de sofrimento e morte. Em conexão com isso, coloca-se a pergunta pelos objetivos da medicina, mas também a questão sobre nossa visão do corpo humano. Será que o objetivo da medicina consiste unicamente na cura de doenças ou também na melhoria biotecnológica da natureza humana? Saúde e boa forma se tornaram simplesmente uma religião substitutiva em nossa sociedade moderna. E o corpo humano também se torna objeto da auto-encenação. Pensemos apenas no papel da cirurgia cosmética ou da correção dentária, justamente também no Brasil. A moderna mania de perfeição no trato com o corpo humano e a saúde deve ser submetida à crítica da ideologia [que está por trás]. Na visão cristã, a pessoa humana não necessita de melhora, mas de perdão. Ela não deve tornar-se melhor ou mais perfeita, e sim nova. Porém, esta é uma promessa escatológica. A fé cristã nos ajuda a lidar de maneira mais serena com nossa finitude e nossas imperfeições. Existe um direito à imperfeição, cujo respeito e defesa é um parâmetro que indica quão humana é uma sociedade.

Entrevista da Semana

Identificar as Ciências Sociais com a hermenêutica: uma mutilação lamentável

Rodolfo Gaeta não acredita que a hermenêutica de Gadamer constitua um aporte favorável para o desenvolvimento das Ciências Sociais

Por Graziela Wolfart

Retomando o tema de capa da última edição da **IHU On-Line**, *As Ciências Sociais hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos* (número 283, de 24-11-2008), entrevistamos por e-mail o professor Rodolfo Gaeta. Ele confessa que não cansa de tentar compreender "como alguns filósofos da ciência contemporâneos manifestam tanta resistência contra o holismo metodológico, caracterizado pela referência a classes ou grupos sociais, ao mesmo tempo em que defendem a imprescindibilidade da utilização de termos teóricos nas ciências naturais". E não entende "por que consideram válido introduzir o conceito de campo magnético e de atração gravitacional na física, por exemplo, e não o de classe social ou o de mercado nos estudos sociais". Sobre as origens das Ciências Sociais, Gaeta afirma: "Assim como o homem aprendeu, na prática, os princípios da física, da astronomia ou da biologia desde o início da espécie humana, a vida em grupo ofereceu, desde o primeiro momento, o que, com o passar dos séculos, se converteria nas ciências da sociedade". Rodolfo Gaeta, doutor em Filosofia, é professor titular da Universidade Nacional de La Plata, Buenos Aires, e da Universidade Nacional de Luján. É co-autor de A*spectos críticos das Ciências Sociais. Entre a realidade e a metafísica*, ao lado de Nélida Gentile e Susana Lucero (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008).

IHU On-Line - O que podemos entender pela Filosofia das Ciências Sociais?

Rodolfo Gaeta - É conveniente começar com o estabelecimento de algumas precisões conceituais. Em primeiro lugar, quando nos referimos à filosofia das ciências — seja ela a filosofia da ciência em geral, a filosofia de um conjunto de ciências ou a filosofia de uma disciplina científica em particular —, estamos aludindo a um grupo de problemas que, mesmo encontrando-se relacionados, devem diferenciar-se. Freqüentemente, a expressão "filosofia da ciência" se restringe aos aspectos metodológicos e procura descobrir quais são as estratégias de investigação que efetivamente têm levado ao desenvolvimento e ao êxito das ciências ou, em todo caso, quais deveriam ser tais estratégias. Outras concepções filosóficas acerca da ciência se preocupam quase que exclusivamente com certos valores sociais, como a necessidade de melhorar o bem-estar físico dos seres humanos ou eliminar as injustiças derivadas dos sistemas econômicos e políticos, ou seja, contrapõem o conhecimento dos objetos de estudo com a urgência de transformar a realidade, e esta última tendência é muito notável na filosofia, explícita ou implícita, que campeia nas Ciências Sociais. A busca de conhecimento e o empreendimento de ações voltadas a transformar a realidade são duas atitudes que, longe de se enfrentar, complementam-se. Se não dispomos de conhecimentos adequados, arriscamos a efetividade das ações.

Metodologia

Em relação aos aspectos metodológicos das Ciências Sociais, as clássicas dicotomias naturalismo/antinaturalismo, individualismo/holismo, livre arbítrio/determinismo — embora componham temáticas muito interessantes no campo da filosofia — tampouco me

"A busca de conhecimento e o empreendimento de ações voltadas a transformar a realidade são duas atitudes que, longe de se enfrentar, complementam-se. Se não dispomos de conhecimentos adequados, arriscamos a efetividade das ações"

parecem tão decisivas. É curioso que muitos epistemólogos e cientistas sociais, sobretudo alguns que pretendem seguir Marx, não parecem advertir que o autor de *O capital*, em consonância com sua fé materialista, inclinava-se, a sua maneira, pelo monismo metodológico. Do mesmo modo, não canso de tentar compreender como alguns filósofos da ciência contemporâneos manifestam tanta resistência contra o holismo metodológico, caracterizado pela referência a classes ou grupos sociais, ao mesmo tempo em que defendem a imprescindibilidade da utilização de termos teóricos nas Ciências Naturais. Não entendo por que consideram válido introduzir o conceito de campo magnético e de atração gravitacional na física, por exemplo, e não o de classe social ou o de mercado nos estudos sociais. É indiscutível que, em última instância, os processos sociais remetem a situações ou ações protagonizadas por seres humanos individuais, mas este reducionismo ontológico não é o suficiente para justificar uma metodologia exclusivamente individualista.

IHU On-Line – O que é mais importante quando falamos das origens e da história da sociologia?

Rodolfo Gaeta - Todas as disciplinas científicas têm uma origem incerta, visto que surgem a partir dos conhecimentos elaborados pelas diferentes culturas, em épocas muito remotas. Assim como o homem aprendeu, na prática, os princípios da física, da astronomia ou da biologia desde o início da espécie humana, a vida em grupo ofereceu, desde o primeiro momento, o que, com o passar dos séculos, se converteria nas ciências da sociedade. Dizem que as Ciências Sociais são mais jovens que as Ciências Naturais, mas creio que se trata de uma certa confusão. Em todo caso, pode ser verdade que as nomenclaturas acadêmicas e sua organização sistemática sejam relativamente recentes, mas não a tentativa de conhecer os fenômenos sociais e descobrir suas características. Alguns autores sustentam, inclusive, que o processo tem sido, em boa medida, inverso: adotaram-se conceitos criados para dar conta dos fenômenos sociais para projetá-los, então, sobre a natureza. Assim, a idéia de culpa ou responsabilidade, por acaso, chegou a converter-se na noção de causa que as Ciências Naturais utilizam. No que se refere à sociologia moderna, os antecedentes precedem às publicações de Comte, que introduziu precisamente o nome "sociologia" para batizar esta classe de estudos; e a lista de quem contribuiu em constituí-la, mesmo num quadro de preocupações mais amplo, como Hobbes,[1] Rousseau,[2] Saint Simon[3] ou Adam Smith,[4] é muito extensa. Gostaria de destacar que quem realizou esses aportes advertiu muito precocemente as estreitas relações que existem entre os aspectos sociológicos e as questões econômicas. Não por casualidade, estas últimas se encaixaram em uma disciplina que recebia a denominação de "Economia Política". Na atualidade, a sociologia tem se dividido em uma série de especialidades que focalizam em seus respectivos objetos de interesse, como aconteceu com as Ciências Naturais.

IHU On-Line - Quais são as principais contribuições de Max Weber, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens para a sociologia?

Rodolfo Gaeta - Os principais aportes de Weber[5] à sociologia foram, em pri-

1 **Thomas Hobbes** (1588 – 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Claude-Henri de Rouvroy**, **Conde de Saint-Simon** (1760-1825): filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu, em 2005, o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do **Cadernos IHU Idéias**, de 21-07-2005, intitulado *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para *download* no sítio do IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Maximillion Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois*, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU**

meiro lugar, proporcionar uma finíssima análise de um grande conjunto de questões metodológicas das Ciências Sociais, especialmente sobre a maneira de combinar a "compreensão" da conduta humana com explicações de caráter objetivo. Em segundo lugar, a atenção que é dada ao peso dos aspectos culturais, por si própria, contribuiu para contrapesar o excessivo economicismo que a tradição marxista adquiria. Deve-se destacar também a introdução do recurso conceitual dos tipos ideais. Com este instrumento, Weber assumiu uma vocação que marcou a conveniência de superar o nível da mera coleta de dados empíricos para transcendê-la em favor da elaboração de hipóteses expressas por meio de termos teóricos, embora nunca tenha perdido de vista a necessidade de validar tais hipóteses com a ajuda do contraste empírico.

Bourdieu

Pierre Bourdieu,[6] cuja notoriedade se tem visto enormemente favorecida por sua decisão de participar ativamente dos conflitos sociais que tinham lugar na sociedade francesa de sua época e, sobretudo, ao que hoje se costuma chamar "exposição midiática", sabia fazer bom uso das aulas das grandes figuras que o precederam: Marx,[7] Durkheim[8] e Weber. Seguindo os passos de Weber, "temperou" o economicismo dos marxistas, mas aproveitou, embora alterando seu significado original, a tese da importância do "capital" nas relações humanas. Na sua obra, Bourdieu já não trata do capital expresso em termos monetários, mas em uma série de capitais de diferentes tipos: capital social, cultural, simbólico. Além disso, o conceito de luta de classes que atravessa completamente a sociedade e até mesmo, a longo prazo, transcende as fronteiras dos países e adquire dimensões mundiais, de acordo com os marxistas, aparece nas teses de Bourdieu fragmentado em um conjunto de conflitos disseminados nos distintos campos de poder nos quais se distribuem as variadas atividades sociais. Assim, tanto o mundo da moda como o da investigação científica constituem, junto com muitos outros, campos de batalha relativamente isolados, nos quais se enfrentam os setores dominantes com os dominados. Tenho a impressão de que Bourdieu atualizou a teoria sociológica recolhendo resultados que estavam quase ao alcance do sentido comum e manifestou grande agudeza para identificar os fatores relevantes da dinâmica social e batizá-los através do recurso de re-significar conceitos preexistentes.

> "É indiscutível que, em última instância, os processos sociais remetem a situações ou ações protagonizadas por seres humanos individuais, mas este reducionismo ontológico não é o suficiente para justificar uma metodologia exclusivamente individualista"

Giddens

O pensamento de Giddens[9] apresenta um caráter marcadamente eclético, que procura questionar o que considera falências das posições que rivalizavam no âmbito da sociologia, porém conservando algumas de suas virtudes. Outra proposta original de Giddens é a concepção da metodologia das Ciências Sociais como uma "dupla hermenêutica". Os pluralistas metodológicos encontravam na hermenêutica um elemento definidor das Ciências Sociais, apoiados na convincente crença de que não se pode entender as ações dos agentes, a menos que se tome em consideração o que eles conhecem e aplicam ao atuar no modo como o fazem.

em formação nº 3, 2005, chamado *Max Weber — o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada "Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo". (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Pierre Bourdieu** (1930-2002): sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra "A Utopia de um novo paradigma para a economia" foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O número 41 dos **Caderno IHU Idéias** teve como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, com artigo da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **David Émile Durkheim** (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Anthony Giddens:** sociólogo inglês, foi diretor da London School of Economics and Political Science (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da Academic Publishing House Polity Press. É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos *As conseqüências da modernidade* (Oeiras: Celta, 1992), *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994), *Transformações da Intimidade — Sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Além destes, quais outros autores e obras da sociologia o senhor sugere para compreendermos as sociedades contemporâneas?

Rodolfo Gaeta - Devo ser sincero e confessar que é praticamente impossível responder a esta pergunta. Somente arrisco dizer que há muitos autores em cujas obras encontraremos idéias que esclarecerão nosso pensamento sobre a sociedade contemporânea, embora isso não signifique que devamos coincidir plenamente com a totalidade das teses que sustentam. Porém, podemos, sem dúvida, aprender, como já sugeri, tanto com as reflexões dos clássicos quanto com as de nossos contemporâneos. Podemos evitar, por exemplo, a imagem do denotado Maquiavel descrevendo ante seu Príncipe como se comportam os governantes astutos, quando nos inteiramos das decisões que tomam nossos políticos? Parecia que a obra de Marx se encaminhava ao esquecimento quando foi derrubado o muro de Berlim, porém faz poucos dias que li num jornal que, na Alemanha, estavam esgotando as edições de *Das Kapital*. O número de exemplares vendidos crescia em proporção inversa à queda do valor das ações nas bolsas de comércio mundiais. No entanto, não acredito que estejamos diante da catástrofe final do capitalismo: o mais provável é que, de algum modo, dentro de um certo período, tudo volte ao normal e, neste caso, seguramente também se acalmará a demanda nas livrarias alemãs.

IHU On-Line - Qual é o principal legado da Escola de Frankfurt para as Ciências Sociais?

Rodolfo Gaeta - A Escola de Frankfurt[10] nasceu num contexto histórico que soava promissor para o marxismo. Parecia mais que justificado, então, partir das idéias de Marx e desenvolvê-las conforme o método científico. A via devia ser uma elaboração mais fina das idéias de Marx e sua complementação com a investigação empírica. A ascensão do fascismo e a exaltação da ideologia nazi, que atraíam as massas, surgiram como um cataclismo inesperado. Os gestores da Escola de Frankfurt resistiam em abandonar o marxismo, porém não podiam deixar de reconhecer que os conceitos elaborados pelo fundador dessa corrente de pensamento não davam conta da marcha da história. Frente a essa situação, surge uma saída inesperada: as limitações da teoria marxista devem atribuir-se ao resultado de uma epistemologia equivocada. Habermas[11] adverte com lucidez o naturalismo implícito na concepção epistemológica de Marx. De acordo com ele, a falida libertação do homem só pode resolver-se por meio de um tipo especial de racionalidade, a qual denomina "razão emancipatória" e que se opõe, sobretudo, à "razão instrumental", que procura o domínio técnico e é própria das ciências naturais. A razão emancipatória constitui o elemento principal do que Habermas denomina "ciências críticas", representadas pela psicanálise e pela sociologia. Para mim, o legado que a Escola de Frankfurt transmite à sociologia é a proposta de transformar-se numa corrente da filosofia social.

> "Bourdieu atualizou a teoria sociológica recolhendo resultados que estavam quase ao alcance do sentido comum e manifestou grande agudeza para identificar os fatores relevantes da dinâmica social e batizá-los através do recurso de re-significar conceitos preexistentes"

IHU On-Line - De que modo a hermenêutica de Gadamer contribui para a constituição das Ciências Sociais?

Rodolfo Gaeta - Não estou convencido de que a interpretação da conduta humana ofereça condições para traçarmos uma diferença epistemológica substancial entre as Ciências Sociais e as Ciências Naturais. Em conseqüência, não creio que a hermenêutica de Gadamer[12] constitua um aporte favorável para o desenvolvimento das Ciências Sociais. Creio que há uma série de equívocos em relação a conceitos tais como os de sentido, compreensão ou interpretação. Há maneiras de formular hipóteses interpretativas que se ajustam perfeitamente aos padrões metodológicos das ciências naturais e, paralelamente, as ciências naturais também comportam ou toleram certas modalidades de interpretação. Nada impede, por exemplo, de atribuirmos certas crenças e intenções a um ser humano e o aspecto decisivo não radicar em como nos ocorrem essas atribuições. Pretender que as Ciências Sociais se identificam com a hermenêutica parece-me que seria impor-lhes uma espécie de mutilação lamentável.

10 **Escola de Frankfurt:** Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkmeimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), nas ***Notícias do dia***, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Hans-Georg Gadamer**: filósofo alemão, autor do livro *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da **IHU On-Line** número 9, intitulada *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, de 18-03-2002. (Nota da **IHU On-Line**)

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Arteplex, do Shopping Bourbon.

Lemon tree

Ficha técnica
Título original: Etz limon
Diretor: Eran Riklis
Gênero: Drama
Tempo de duração: 106 minutos
Ano de lançamento: 2008
Elenco: Hiam Abbass (Salma), Rona Lipaz-Michael (Mira), Doron Tavory (ministro), Tarik Kopty (empregado de Salma), Ali Suliman (Ziad Daud)
Resumo: Viúva palestina luta na justiça para continuar com sua plantação de limão, pois seu novo vizinho, o Ministro da Defesa de Israel, o considera uma ameaça, por poder encobrir ataques terroristas. Ela acaba indo à Suprema Corte e se envolve com seu advogado de defesa.

Diferenças em nome da infância

Por André Dick

Um dos filmes mais comentados a entrar em cartaz este ano, *Lemon tree*, dirigido por Eran Rikles, enfoca, a princípio, o cotidiano de uma viúva palestina, Salma Zidane (Hiam Abbass), que cuida de uma enorme plantação de limão deixada pelo pai na região da Cisjordânia. No entanto, quem vem morar, ao lado de sua casa, é o Ministro da Defesa israelense, Israel Navon (Doron Tavaroy). Aconselhado pelo Serviço Secreto, ele quer que o limoal seja derrubado para que não encubra nenhum ataque terrorista ou algum atirador. Como o limoal traz a Salma lembranças do pai, que trabalhava nele, e, além disso, é sua única fonte de renda, ela decide entrar na Justiça contra o Ministro da Defesa, pedindo para que ele não seja derrubado. Para isso, conta com a ajuda do jovem advogado Ziad Daud (Ali Suliman), que decide enfrentar o caso com o objetivo realmente de manter o lugar pelo qual Salma tem mais afeição.

A história de *Lemon tree* é, portanto, bastante simples e acessível. No entanto, ela encobre o conflito entre israelenses e palestinos, fazendo-o com uma discrição irreparável. Isso porque o diretor Eran Rikles decide conduzir a história preferindo poucos gestos e falas, alternando o silêncio com olhares entre os personagens. Sob esse ponto de vista, trata-se de um filme que concentra toda a sua energia no encaminhamento do roteiro, escrito em parceria pelo diretor e por Suha Arraf, não abrindo demais o foco para a parte política, embora ela também se faça

presente e tenha uma elaboração sofisticada, sobretudo na maneira como acontece a discussão em rela-

ção ao limoal na Justiça, revelando melhor as perspectivas de cada lado. Ao mesmo tempo, a língua acaba sendo um obstáculo na comunicação: o hebraico e o árabe acabam revelando a dificuldade delimitada pela cerca que separa a casa do Ministro da plantação de limão de Salma. Por isso, as divisões, ao longo do filme, acabam sendo mais metafóricas do que realmente concretizadas em algum tipo de atrito mais evidente. Em alguns momentos, isso prejudica um pouco o andamento da trama, ou seja, parece não haver uma costura mais delimitada, por exemplo, entre a mãe e o filho que mora nos Estados Unidos — que poderia render uma outra espécie de conflito cultural. Por outro, acaba mostrando uma certa frieza que corresponde à maneira como o diretor quis filmar a história. Isso porque, mais do que o presente, o diretor quer traçar uma linha paralela com o passado de Salma, prendendo-a a uma certa infância, representada tanto pela ausência do marido, já morto, quanto a do filho — que mora nos Estados Unidos. É a infância que move a personagem central de *Lemon tree*, sobretudo os focos de sol em meio aos pés de limão, entre os quais ela era carregada por seu pai. É também a infância que faz com que ela reveja sua vida pessoal, ao se interessar pelo advogado, que tem uma filha que mora a distância, enfrentando a saudade apenas com algumas fotos. Esta menina — filha de Ziad Daud com uma russa — aproxima os personagens, pois ambos estão distantes de figuras basilares para a construção de sua vida, as quais, não por acaso, remetem à infância.

Ao mesmo tempo, existe uma tendência do diretor a privilegiar a alma feminina. Isso porque, além de Salma, a personagem principal, há, na história, a presença de Mira Navon (interpretada com exatidão pela estreante Rona-Lipaz Michael), que interpreta a mulher do Ministro da Defesa. Ela, ao ver o desespero de Salma, resolve, contra o marido, se posicionar ao lado de Salma — mesmo que esta atitude fique no plano da compreensão mútua entre as duas por meio do olhar. Ou seja, a condição de ambas é responder, no filme, seja ao passado, no caso de Salma, que está viúva e não pode ter seu envolvimento com o advogado revelado, seja ao presente, no caso de Mira, que precisa explicar ao marido suas atitudes. O diretor enfoca essa semelhança e, ao mesmo tempo, diferença entre as duas de maneira bastante interessante. A figura de Salma, presa ao passado — por meio das figuras do pai e do marido mortos, e do filho que partiu para os Estados Unidos —, de certo modo sintetiza o silêncio da mulher num universo em que se põe em dúvida a segurança em razão de conflitos que pertencem ao campo das religiões e culturas distintas. Em determinado momento, enquanto Salma está deitada, no silêncio de seu quarto, na casa do Ministro há uma festa, e as pessoas cantam — o silêncio, nesse caso, se intensifica. O embate entre a figura feminina e o Serviço Secreto israelense é mediado sobretudo pela cerca e pelo vigia que fica cuidando a movimentação que acontece em meio aos pés de limão.

"A história de *Lemon tree* é bastante simples e acessível. No entanto, ela encobre o conflito entre israelenses e palestinos, fazendo-o com uma discrição irreparável. Isso porque o diretor Eran Rikles decide conduzir a história preferindo poucos gestos e falas, alternando o silêncio com olhares entre os personagens"

No entanto, mesmo nessa distinção — e parece ser o objetivo do diretor de *Lemon tree* destacar tal elemento —, há uma espécie de encontro, que permanece subjetivo, na cobertura do caso. Mesmo quando acontece algum conflito entre os personagens, ele sempre é mediado mais por olhares do que por palavras ou agressões transparentes. A fotografia de Rainer Klausmann, sob esse ponto de vista, com seu tom amarelado, é impactante e ajuda a delinear melhor a relação e o ambiente em que se passa *Lemon tree*. Até por isso mesmo, fica claro que o cineasta Eran Riklis aponta para a resolução de diferenças num conflito metafórico, às vezes concentrando mais a narrativa num espaço restrito. A ambientação, com isso, ganha ares de mais clareza, o que corresponde ao próprio delineamento dos personagens. Isso faz com que *Lemon tree* se torne um filme que apresenta, mais do que um conflito, uma visão sobre o que é estar dividido, mesmo em pequenos espaços, sem saber realmente o motivo.

Invenção

Editoria de Poesia

Sérgio Alcides

Por André Dick

O poeta Sérgio Alcides nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1967, e mora em São Paulo desde 1998. Bacharel em Comunicação Social e mestre em História Social da Cultura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), além de doutor em História Social, pela USP, Alcides é autor dos livros de poesia *Nada a ver com a lua* (Rio: Sette Letras, 1996) e *O ar das cidades* (São Paulo: Nankin, 2000). Também publicou o estudo *Estes penhascos — Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas* (São Paulo: Hucitec, 2003), e organizou uma edição de *Eu e outras poesias*, de Augusto dos Anjos (São Paulo: Ática, 2005). Além disso, como tradutor, verteu para o português os livros *O caçador de sonhos e outros contos da criação* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003) e *O que é a verdade? Poemas de bichos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), ambos de Ted Hughes. Com o poeta Ronald Polito, por sua vez, organizou e traduziu poemas do catalão Joan Brossa, em *Poemas civis* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998), e do mexicano Julio Torri, em *Almanaque das horas e outros escritos* (São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2000).

Desde seu primeiro livro, Sérgio Alcides mostra uma grande preocupação em sintetizar uma percepção sobre o cotidiano. Seu contato com os mais diversos poetas, como os mencionados anteriormente, mostra também um conhecimento profundo da tradição poética. O poema "Combustão", do livro *O ar das cidades*, nesse sentido, é bastante referencial: "Uma cidade cercada de incêndios. / Vivemos debaixo de fuligem nesta seca. / Há muita cortesia, como se nada. / Como se as narinas não ardessem. / E os troncos acesos dessem flor. / Também agarro algum crepitar de meu. / Sob o céu amarelo, sob a lua roxa". Em poucos versos, Alcides compõe o retrato de uma cidade, remetendo aos seus sinais: "incêndios", "fuligem", "troncos acesos", sob um "céu amarelo" e uma "lua roxa". Trata-se de uma paisagem urbana delineada com cuidado, revelando a "combustão" presente no título.

O sujeito incorporado pela cidade

No poema "Às minhas costas", ocorre outra característica: o sujeito acaba sendo incorporado pela cidade: "As portas do metrô mastigam / o ar condicionado. / / Estou em trânsito, com os demais. / Percorremos a rede incorpórea / que há de permanecer. / / Não se ultrapassa a linha amarela. / Nada cheira. E a escada rolante / — áspera via — até se alegoriza / / ao conduzirnos de volta ao simulacro / passageiro das avenidas. / / Na saída, ponho os óculos escuros". Mais uma vez, Alcides consegue compor a paisagem urbana moderna, focalizando a falta de espaço da cidade grande, assim como a indefinição do sujeito ("Estou em trânsito, com os demais"). Nesse ambiente, "nada cheira" e a escada rolante "se alegoriza" para conduzir o sujeito a um "simulacro", a um ar diferente. No entanto, diante dessa turbulência do movimento cotidiano, o sujeito coloca os "óculos escuros" — como se não quisesse enxergar devidamente o que se passa à sua volta, ou então como se quisesse se proteger da realidade. Em "Rodoviário", compõe outros versos que remetem à permanente dúvida desse sujeito: "Desço do ônibus para o dia, / vou lavar o rosto na dúvida. / / Acordei sem chegar, cheguei". E o seu sufocamento, em "Um 'slide'": "Mal consigo ler / a cidade no meio das letras / a gente fora dos outdoors. / /Há muitos destroços / de palavras e luzes, rebites e *bits* / cobrindo o coração".

Num poema como "Falta", ainda inédito em livro, o poeta compõe imagens que remetem, no entanto, a um espaço mais amplo: "Maré baixa. O píer não se precipita / senão sobre o resíduo que vem dar na praia, / memória do mar, areia raiada ainda / pelas pegadas das águas em fuga, flauta / soprando invertida, para dentro de seus / pulmões: distância como concerto de sons / ausentes, renúncia da ventania, sujas / espumas abandonadas como se fossem bens, / algas e conchas entre ruínas de garrafas, / desperdício de mensagens, paus. perdidos". Há um movimento, nesse poema, da beleza do oceano para a realidade urbana, com "algas e conchas entre ruínas de garrafas". No mesmo poema, escreve: "o caranguejo flana entre / fragmentos de propaganda e etiquetas loucas". Nos poemas inéditos que Sérgio Alcides enviou à **IHU On-Line** é possível perceber essa saída da realidade urbana para um espaço mais amplo, mais especificamente do sertão de Minas Gerais. Neles, Alcides apresenta um verso mais longo do que em seus dois primeiros livros, mostrando acréscimos em sua poética.

Assentamentos

No sertão tudo se torna alegoria.

A seriema não se distrai de ser um signo.

De dia, o anu-preto apita seus anúncios.

De noite, uma rasga-mortalha corta os hábitos noturnos.

O céu está em ordem: não pesa nas costas do rio.

(O santo flui por intermédio).

O céu assiste sem ironia às obstinações que passam.

Logo acima do grão de terra já fica o céu.

O céu se apresenta em demasia.

Onde é real, parece um sonho.

A paisagem toda forma uma leitura.

Quem chega, é como ter nascido e ser amparado por uma letra A.

Cifro

O rio baldio não vale a pena. Então, vai.
Agora que o vejo correr por fora de mim,
depois de tanta procura por dentro,
percebo que somos os dois estrangeiros.
Um para o outro, como duas margens.
Que correm? Como pode? Se não sou eu
o rio despenhado, por que me fertiliza?
Continuo. Falto a mim. E vim, reflui
aquilo que fui, por cima dos acidentes.
Giro pelo sertão, onde tudo fica fora...
Entrei, e já não me reconheço
no ar livre que respira, na secura, nem
nas paisagens deste outro vazio aonde
vim representar um pássaro a mais
sem saber ao menos o que cifro.
Plumagem da minha estranheza,
cante alguma coisa para mim.

Reverdece

Já terminou a floração dos ipês:
entre os espetos da paisagem despida,
a displicência daqueles amarelos,
o aspecto de sua espera pelas águas
sob o céu sangrado de azul do sertão.
Foi "chuva de broto", me disseram.
No fim de agosto, chuva a contragosto.
Abafado, o trovão fez soar o bocejo
do pasto seco sem fim, rangendo
para entrar na primavera. A natureza
se renova, estou num lugar-comum,
não posso voltar atrás. Vou levar
para ela as primeiras flores roxas
da árvore velha que nos recebeu
tão seca e desfolhada, faz um mês,
e continuava nua há uma semana,
quando ela partiu, mas reverdece.

Pé do Morro, MG
Setembro de 2008

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 25-11-2008 a 29-11-2008.

Por detrás do mito: os cem anos da religião umbandista
Entrevista com o presidente da Associação Brasileira dos Templos de Umbanda e Candomblé, Pai Guimarães
Confira nas Notícias do Dia 25-11-2008
"A umbanda hoje luta para aparecer, porque ela não encolheu, mas cresceu e se escondeu", diz o sacerdote que reflete, nesta entrevista, sobre o crescimento da religião umbandista neste primeiro século de vida.

"O que se faz hoje no fundo do mar é semelhante à ida para a Lua"
Entrevista com Gilmar Vital Bueno
Confira nas Notícias do dia 26-11-2008
Para o geólogo da Petrobras, o Brasil dispõe de alta tecnologia para a exploração de petróleo e, em relação ao recurso encontrado abaixo da camada de pré-sal, se as estimativas se confirmarem, o país passará a ser um dos cinco países do mundo com maior reserva de óleo.

Uma visão de Deus menos temerosa. O jovem e sua relação com a fé
Entrevista com o professor de Teologia da PUC-SP Jorge Claudio Ribeiro
Confira nas Notícias do Dia 27-11-2008
"A humanidade precisa se reinventar, e esse é o tipo de coisa que o jovem experimenta", afirma o teólogo, que pesquisou a relação de um núcleo jovem com a fé e as religiões.

Vôo 3054 da TAM: "Não é fácil reviver isso todo mês"
Entrevista com Dario Scott
Confira nas Notícias do Dia 28-11-2008
O presidente da Associação dos Parentes e Amigos das Vítimas do Vôo JJ-3054 da TAM e professor da Unisinos no Ensino a Distancia conta à **IHU On-Line** sobre o atual momento do inquérito que busca apurar os fatos que envolvem o acidente ocorrido em julho de 2007. Dario Scott já concedeu outra entrevista publicada nas **Notícias do Dia** 23-05-2008, sob o título "Quanto vale o cidadão brasileiro?".

Dinheiro do trabalhador para o trabalhador
Entrevista com o senador Paulo Paim
Confira nas Notícias do Dia 29-11-2008
Uma nova perspectiva para a Previdência Social pode ser assegurada se forem aprovados os projetos do Senador Paulo Paim, que prevê, por exemplo, o fim do fato previdenciário.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 26-11-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 04-12-2008

IHU Idéias
Crise, Consumo e Endividamento
Palestrantes: Dra. Clarissa Costa de Lima, Juíza de Direito Estadual, na 2ª Vara Cível, da Comarca de Sapucaia do Sul e Sra. Neide Maria Fontana, Assistente Social Judiciária, da Comarca de Sapucaia do Sul
Horário: 17h30 às 19h
Local: Sala 1G119 — Instituto Humanitas Unisinos — IHU

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Crise, consumo e endividamento

Tema será discutido no dia 4 de dezembro, no evento **IHU Idéias**

Por Bruna Quadros

Mesmo em tempos de desestabilização nas balanças financeiras, a população continua consumindo, muitas vezes, exagerada e compulsivamente. Esta é uma situação que leva os indivíduos ao endividamento, fenômeno que "assumiu visibilidade nos últimos anos, mas principalmente neste, pois a população teve ampliado seu acesso ao crédito e agora está constatando que não consegue assumir tais compromissos", conforme aponta, por e-mail, a Assistente Social Judiciária, da Comarca de Sapucaia do Sul, Neide Fontana, em entrevista à **IHU On-Line**. Ela, assim com a Juíza de Direito Estadual da 2ª Vara Cível da Comarca de Sapucaia do Sul, Clarissa Costa de Lima, estará no Instituto Humanitas Unisinos — IHU no dia 4 de dezembro, para falar sobre Crise, consumo e endividamento. Elas irão debater o tema a partir do projeto do Poder Judiciário para o tratamento das situações de superendividamento do consumidor. A seguir, acompanhe as entrevistas concedidas pelas palestrantes:

IHU On-Line - Qual a atuação dos profissionais de serviço social, junto ao projeto "Tratamento das Situações de Superendividamento" proposto pelo Poder Judiciário?

Neide Fontana - O serviço social faz o acolhimento às pessoas que procuram o Projeto. O atendimento é realizado pelas estagiárias de serviço social da Unisinos, com a minha supervisão. A atuação profissional se dá no âmbito da garantia de direitos, intervindo neste "novo" fenômeno social. Através do atendimento aos usuários do Projeto, é possível identificar outras implicações causadas pelo endividamento, como o sofrimento psíquico, os conflitos familiares, o estresse. Outra atividade do serviço social é identificar quais as instituições da rede de serviços podem estar agregadas nessa temática, oportunizando a inserção desta demanda, uma vez que o Judiciário não tem como dar conta de todas as implicações que o problema do endividamento apresenta.

IHU On-Line - Em que regiões do Estado o endividamento é mais freqüente?

Neide Fontana - Como o Projeto atualmente está presente somente nas cidades de Sapucaia do Sul, Charqueadas, Sapiranga, Porto Alegre e Santa Maria, temos dados concretos somente das mesmas. Contudo, compreendemos que o endividamento é um fenômeno presente em todo país vide a grande recorrência do assunto na mídia. O que observamos é que ele assumiu visibilidade nos últimos anos, mas principalmente neste, pois a população teve ampliado seu acesso ao crédito e agora está constatando que não consegue assumir tais compromissos. Antes se falava em pessoas endividadas, hoje são superendividados. Há a impossibilidade do consumidor leigo e de boa-fé pagar todas as suas dívidas atuais e futuras.

IHU On-Line - Em sua opinião, que fatores levam os consumidores ao superendividamento?

Neide Fontana – São vários os fatores que causam o superendividamento, mas posso destacar principalmente a oferta excessiva e irresponsável de crédito, a falta de ações educativas para o consumo, a pulverização do crédito consignado, comprometendo principalmente os idosos. Por fim, outro fator que implica nessa situação é que cada vez mais o consumo tem se tornado uma forma de inclusão social. Como diz Bauman, o sujeito contemporâneo tem no consumo a centralidade da vida, ou seja, os indivíduos têm no consumo uma fonte de felicidade e realização. Somado a isso, o Brasil não possui uma legislação de proteção ao crédito.

IHU On-Line - O que falta para que haja mais conscientização da população, em termos de economia e planejamento das finanças?

Neide Fontana - Ações de caráter sócio-educativas que possibilitem a educação para o consumo. Diríamos que temos que avançar na construção de uma "cultura do orçamento doméstico", que implica em ações educativas mais amplas, como, por exemplo, na escola o professor incluir no programa atividades que levem às crianças essa cultura, como se avançou na temática do meio ambiente. Constatamos que o superendividamento se dá em todas as situações de renda, o que nos leva a crer que se trata de um fenômeno característico do tempo em que vivemos.

IHU On-Line - Como sobreviver em tempos de crise financeira mundial, sem entrar para a lista dos consumidores endividados?
Neide Fontana - O planejamento financeiro com a participação da família é uma alternativa para evitar o superendividamento e essa é uma dica importante não só em momentos de crise, mas deveria ser um hábito cotidiano.

IHU On-Line - Que perspectivas podemos adotar diante deste desequilíbrio monetário? A tendência é continuar crescendo o número de devedores?
Neide Fontana – Infelizmente sim, haja vista que, em meio à crise atual, o presidente da República pede que a população continue consumindo, iludindo a população de que a crise internacional não vai nos atingir. Porém, algumas atitudes podem auxiliar as pessoas a manter o equilíbrio das finanças: planejar os gastos, como já mencionei, procurar não cair nas armadilhas do crédito fácil e voltar aos antigos hábitos de comprar à vista, de economizar para depois adquirir.

IHU On-Line - Como o Poder Judiciário pode contribuir no enfrentamento do superendividamento?
Neide Fontana – Através do Projeto, o Poder Judiciário mostra sua preocupação com o problema e tem o objetivo de proporcionar a reinserção social do consumidor endividado através de uma conciliação com seus credores. O Projeto pretende, também, coletar subsídios para a formulação de uma legislação específica de proteção ao crédito aos moldes de países que já passaram por situações semelhantes, como Portugal e França.

A iniciativa do Poder Judiciário já atingiu 80% de conciliação entre devedores e credores

IHU On-Line - Há quanto tempo é desenvolvido o projeto para o tratamento das situações de superendividamento do consumidor? Como surgiu esta iniciativa do Poder Judiciário e de que maneira é realizada?
Clarissa Lima - A iniciativa surgiu a partir dos estudos de direito comparado realizado no Núcleo de Estudos do Superendividamento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O procedimento é consensual (voluntário) e gratuito. Tem início a partir da iniciativa do próprio consumidor superendividado que recorre ao projeto com a intenção de pagar as suas dívidas de acordo com o orçamento familiar, sem prejuízo do sustento de sua família.

IHU On-Line - A partir do projeto, que resultados já foram obtidos junto aos consumidores? Já é possível perceber uma mudança na relação entre consumidor e credor, a partir da iniciativa? Qual?
Clarissa Lima - Os resultados são muito positivos. No primeiro ano de execução do projeto nas Comarcas do interior, obtivemos um índice de conciliação superior a 60%. Nos primeiros seis meses de projeto em Porto Alegre, o índice chegou a atingir 80% de conciliação. Os índices são muito superiores à média nacional de 30% divulgada pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça). Notamos algumas mudanças no comportamento entre devedores e credores. A primeira delas é que os credores valorizam a iniciativa do superendividado em recorrer ao projeto, reconhecendo o esforço deles em pagar as dívidas e honrar os contratos celebrados. Os credores parecem também mais solidários em relação aos superendividados passivos, ou seja, àqueles que se endividaram, não porque gastaram mais do que ganhavam, mas por razões involuntárias, a exemplo do desemprego, divórcio/separação, doença etc. Alguns credores já estão percebendo que ninguém lucra com a exclusão do superendividado do mercado e que é preciso buscar uma alternativa para sua reinserção social. De outro lado, o superendividado adquire um aprendizado ativo, a partir de sua participação no projeto e nas Oficinas de Orçamento Doméstico, onde recebe noções sobre os contratos de crédito, sobre os riscos e endividamento excessivo e sobre a importância de elaboração de um orçamento familiar para evitar novos casos de endividamento.

IHU On-Line - Em sua opinião, qual é o fator que acaba dificultando a negociação, em caso de endividamento? Neste sentido, qual é o papel do Poder Judiciário?
Clarissa Lima - As maiores dificuldades se deve à insuficiência da renda de alguns superendividado para pagar todos os credores e aos elevados encargos cobrados que acabam aumentando muito o valor da dívida. No projeto, o papel do Judiciário restringe-se à mediação, facilitando o diálogo entre as partes, além de auxiliar na elaboração de um plano conjunto de pagamento, compatível com a renda do superendividado.

IHU On-Line - De que maneira a senhora avalia a situação de endividamento no Rio Grande do Sul, por parte dos consumidores, e o que, em sua opinião, desencadeia este processo?
Clarissa Lima - Inúmeros fatores sociais, políticos e econômicos podem contribuir para o endividamento excessivo do consumidor gaúcho. Destacaria como fator preponderante a excessiva oferta de crédito por parte de alguns fornecedores sem o cumprimento dos deveres de informação como determina o Código de Defesa do Consumidor. Há ainda o problema da concessão do crédito sem a respectiva avaliação prévia da capacidade de reembolso do consumidor.

IHU On-Line - Quais os prejuízos para o Estado, com o superendividamento da população? É possível minimizar os danos? De que maneira?
Clarissa Lima - O Estado pode ter inúmeros prejuízos com o endividamento excessivo da população. O superendividamento não é um problema apenas jurídico, tem repercussões em outros domínios. Nas relações familiares, o superendividamento pode gerar situações de violência doméstica ou mesmo problemas conjugais; no emprego pode gerar instabilidade em razão da redução da produtividade ou das seqüelas que traz à saúde do empregado (desequilíbrio emocional, quadros depressivos). Todas essas situações, sem dúvida, têm um custo social muito elevado para o Estado. É possível minimizar os danos através de uma ação preventiva com foco na educação e informação e através da disponibilização de uma Lei de tratamento deste fenômeno como já fazem alguns países: França, Alemanha, Bélgica, Eua, Canadá, entre outros.

Perfil Popular

Jane Lúcia Alves do Couto

Por Bruna Quadros

A paranaense Jane Lúcia Alves do Couto é quem conta a sua trajetória de vida nesta semana, à revista **IHU On-Line**. Ela, que trabalha na secretaria do Centro de Formação Urbano Rural Irmão Araújo (Cefuria), uma instituição com sede no Paraná que atua nas áreas social e política, além da economia solidária, conversou por telefone com a equipe na última semana, durante uma paradinha no trabalho. Mesmo com a infância difícil, privada de luxos, Jane conseguiu vencer na vida, sendo uma pessoa simples e honesta. Acompanhe, a seguir, a história de Jane:

"Mesmo com a vida difícil, meus pais me ensinaram a sempre ser sincera, procurar sempre ser uma pessoa certa." Assim, Jane Lúcia Alves do Couto começa a contar a sua trajetória de vida. Ela, que é natural de Curitiba, no Paraná, onde mora até hoje, teve uma infância difícil, privada de regalias. "Meu pai trabalhava em uma fábrica de madeiras e minha mãe era auxiliar de produção em uma empresa de telefonia. Eles sempre pagaram aluguel. Meu pai só conseguiu comprar uma casa, quando eu já estava com sete anos de idade. Não tínhamos luxo, apenas o essencial para viver."

Mesmo assim, Jane não deixou de aproveitar o seu tempo de criança. "Gostava de jogar bolita, jogar bola e pular corda." Aos 13 anos de idade, a mais velha dos três irmãos precisou deixar a infância de lado. "Comecei a trabalhar cedo para ajudar em casa." Foi com o primeiro emprego, de babá, que ela comprava roupas para ela e para os irmãos, o que ela considera como um peso a menos para os seus pais.

Jane afirma que não gostava muito de estudar. Por isso, cursou até o primeiro ano do ensino médio. "Depois parei, porque casei e tive o meu filho. Não tinha mais tempo para estudar." Aos 33 anos, Jane já teve diversas atividades profissionais. Trabalhou como auxiliar de produção, auxiliar de cozinha e em uma gráfica. Há nove anos, ela é uma das funcionárias do Centro de Formação Urbano Rural Irmão Araújo (Cefuria), uma instituição com sede no Paraná que atua nas áreas social e política, além da economia solidária. "Comecei como auxiliar de limpeza. Há três anos, estou na recepção, atendendo ao telefone e na videoteca popular." Segundo Jane, quem mais procura os vídeos são professores e estudantes. "Gosto muito de trabalhar no Cefúria, onde abri mais a minha cabeça e me soltei mais. Eu não era de conversar, de expressar os meus sentimentos. Aprendi bastante aqui."

> "É preciso um investimento melhor em educação e saúde, porque, sem saúde, o povo não vai para frente"

Casada desde os 16 anos com o metalúrgico Simão, Jane tem um filho, o Wesley, que está com de 15 anos. "Minha família é tudo. Gosto de ser dona-de-casa, de cuidar do meu marido e do meu filho. Gosto muito da minha vida de casada." Jane conta que, quando era solteira, não saia muito, porque seu pai era muito rígido. O que fez falta na juventude, agora, é compensado em família. "A gente gosta muito de assistir a filmes juntos, aos finais de semana." Os filmes românticos e dramáticos são os que mais prendem a atenção de Jane, assim como *À Espera de um milagre*.

Religião - "Sou católica, fui catequista, quando era adolescente, mas não estou indo muito à Igreja", destaca Jane sobre a sua religiosidade. Religião é tudo, na opinião de Jane. "Temos que estar sempre com Deus, porque sem Ele não somos nada."

Visão política - Para Jane, na política há muito conflito entre os próprios governantes. "Com isso, o povo fica perdido, sem saber o que fazer." Jane afirma que não gosta de acompanhar os acontecimentos políticos. No entanto, arrisca uma solução para o país. "É preciso um investimento melhor em educação e saúde, porque, sem saúde, o povo não vai para frente."